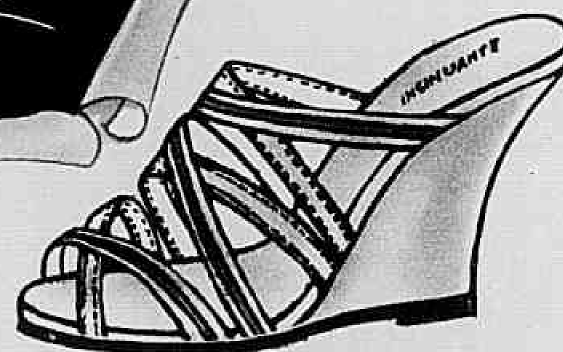
A CENA MUDA



Nº 53 ★ 30-12-53
Preço Cr$ 4,00

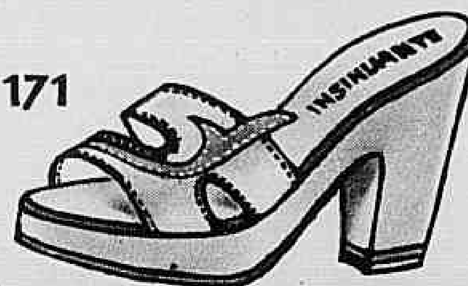




169



170



171

169 Cr$ 200,00 e 250,00 — Respectivamente em uma só côr. (verniz prêto, pelica branca ou vermelha) em pelica branca com guarnições de pelica ouro. Lnidíssimo!... Uma maravilha!...

170 Cr$ 200,00 — Uma verdadeira obra de arte! Camurça branca, pelica côr de sangue ou envernizada. Um verdadeiro encanto!...

171 Cr$ 200,00 — Um tamanco delicado e maravilhoso! Em verniz com guarnições branca e vice-versa. Elegantíssimo!...

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMÉRICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil porte por par Cinco cruzeiros. Não fazemos reembolso postal.

A
CENA
MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA
AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

Desenhista
Luiz Lléo Sampaio

Nº 53, em 30-12-1953

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Os melhores do ano 4/7
Congresso de «estrêlas», «astros» e teses 9
Entre duas guerras 14/17
Cinema brasileiro 22/23
De todo o mundo 26/27

SESSÕES PERMANENTES

Cartazes em revista 8
Segredos da tela 11
Curiosidades e «close-ups». 12/13
A novela das imagens: — «O manto sagrado» 18/21
«Ballet»: — «A dança e a imagem» 24/25
Pré-Estréias 29
Rádio 30
Discos-Novidades 30
Teatro-Música 31
Cine-Respostas 31
Página do leitor 33

A NOSSA CAPA

ELAINE STEWART
(A nova «estrêla» da M.G.M.)

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

	Cr$
Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatural anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00

No entre-ato dos anos

Na visão internacional, através da série lançada no Brasil, 1953 foi um ano pródigo de excelentes apresentações. Entretanto, um exame mais detido do assunto, poderá levar o fato ao domínio da coincidência. Tudo porque, grandes realizações do cinema, particularmente europeu, continuam não sendo enviadas para o Brasil.

Basta considerar o caso da França. Nenhuma das suas mais destacadas produções foi apresentada na capital do país durante o ano que se finda. Entretanto, em outros centros, assistimos a diversas obras de arte que, aliás, estão sendo devidamente comentadas nas respectivas sessões de críticas prévias desta revista.

Na mesma sorte estão a Itália, Grã-Bretanha, Suécia, Alemanha, União Soviética e outros. Cada vez menos se tem noção, no Brasil, de qual seja o atual e verdadeiro nível artístico de importantes países.

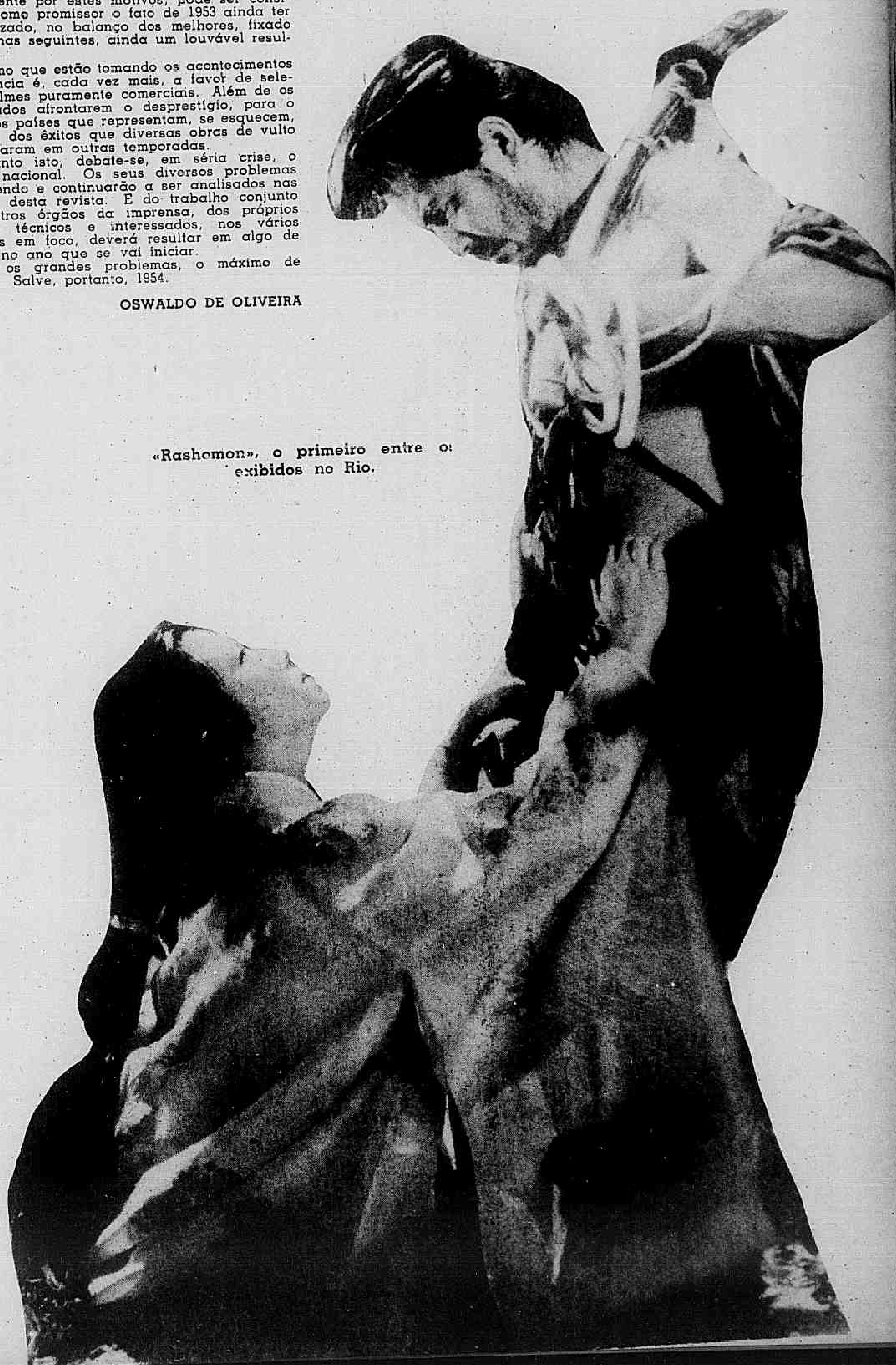
Justamente por êstes motivos, pode ser considerado como promissor o fato de 1953 ainda ter prodigalizado, no balanço dos melhores, fixado em páginas seguintes, ainda um louvável resultado.

No rumo que estão tomando os acontecimentos a tendência é, cada vez mais, a favor de selecionar filmes puramente comerciais. Além de os interessados afrontarem o desprestígio, para o nome dos países que representam, se esquecem, também, dos êxitos que diversas obras de vulto conquistaram em outras temporadas.

Enquanto isto, debate-se, em séria crise, o cinema nacional. Os seus diversos problemas estão sendo e continuarão a ser analisados nas páginas desta revista. E do trabalho conjunto com outros órgãos da imprensa, dos próprios artistas, técnicos e interessados, nos vários assuntos em foco, deverá resultar em algo de melhor no ano que se vai iniciar.

Para os grandes problemas, o máximo de esfôrço. Salve, portanto, 1954.

OSWALDO DE OLIVEIRA



«Rashomon», o primeiro entre os exibidos no Rio.

OS MELHORES DO

CLASSIFICANDO OS 50 MELHORES DO CINEMA ESTRANGEIRO — "RASHOMON", "DEPOIS DO VENDAVAL", "MOULIN ROUGE", "CONTOS DE NATAL" E "PERDIÇÃO POR AMOR" ALGUNS DOS MELHORES DO ANO



William Wyler: «Perdição por amor».

A CLASSIFICAÇÃO DE JONALD

1 — "Rashomon" (Japão, Akira Kurasawa).
2 — "Depois do Vendaval" (Estados Unidos, John Ford).
3 — "Contos de Natal" (Inglaterra, Brian Desmond Hurst).
4 — "Perdição por Amor" (Estados Unidos, William Wyler)
5 — "Precipícios dalma" (Estados Unidos, David Miller).
6 — "Luzes da Ribalta" (Estados Unidos, Charles Chaplin).
7 — "Moulin Rouge" (Estados Unidos, John Huston).
8 — "Tortura do Silêncio" (Estados Unidos, A. Hitchcock)
9 — "Maclóvia" (México, Emilio Fernandez).
10 — "Domingo de Verão" (Itália, Luciano Emmer).

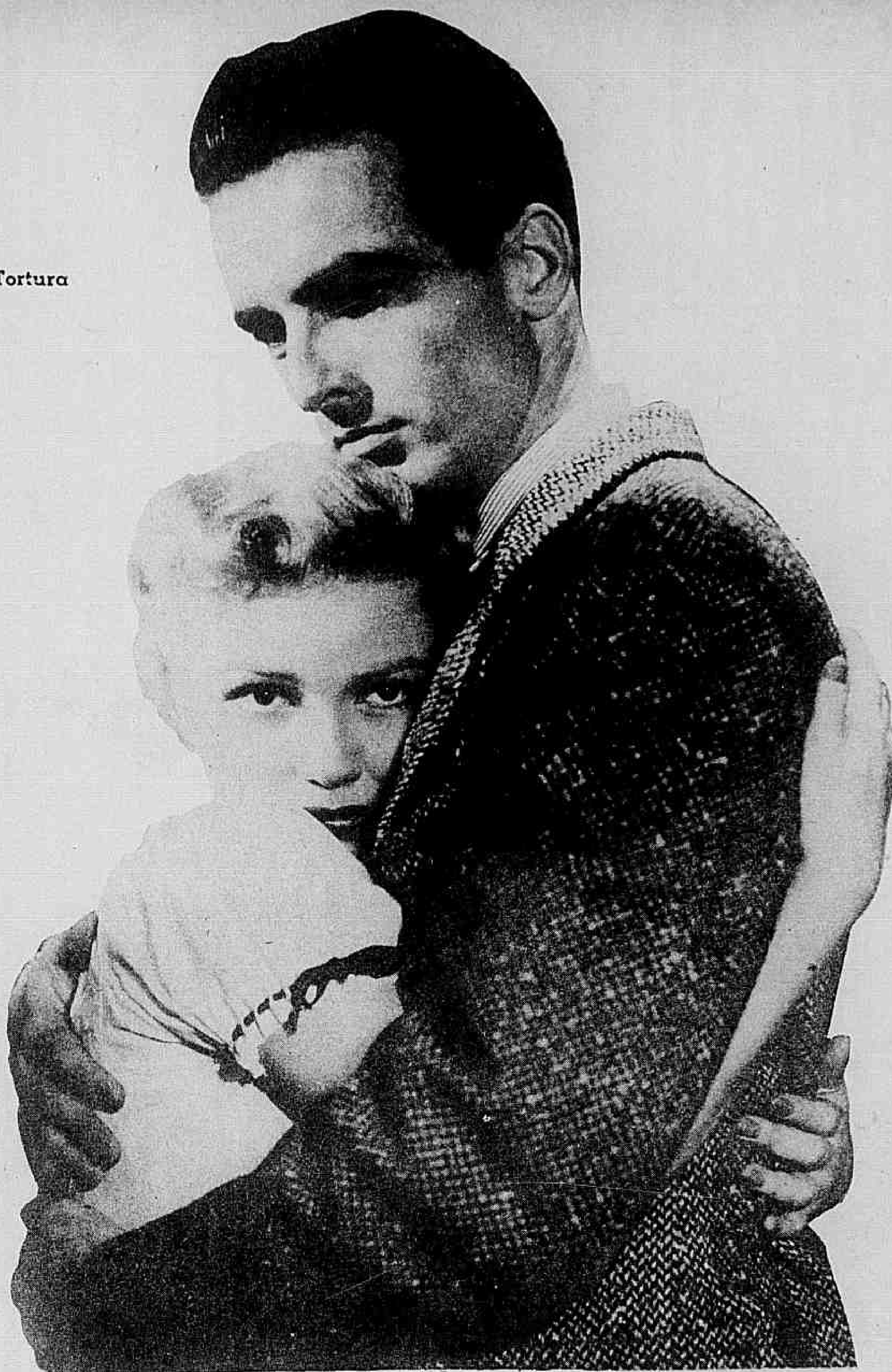
Seguem-se, completando os 50 melhores do ano, sem ordem numérica de valores:

"As sete vítimas" (Inglaterra); "Assim estava escrito" (Estados Unidos); "Páginas da vida" (Estados Unidos); "Mistério da tôrre" (Inglaterra); "Espíritos indômitos" (Estados Unidos); "Virgem e pecadora" (França); "Meus seis criminosos" (Estados Unidos); "Primavera de escândalos" (França); "Garôtas da Praca de Espanha" (Itália); "A morte do caixeiro viajante" (Estados Unidos); "Lili" (Estados Unidos); "Sedutora selvagem" (França); "Sangue por glória" (Estados Unidos); "O amor, sempre o amor" (Estados Unidos); "O bêco do crime" (Inglaterra); "Pueblerina" (México); "Ponto final", (Dinamarca); "Fabíola" (Itália); "O Rio Sagrado" (Estados Unidos); "Ândrocles e o leão" (Estados Unidos); "A mulher falada" (Inglaterra); "Romance proibido" (França); "Mulheres e luzes" (Itália); "Hans Christian Andersen" (Estados Unidos); "Escravo de si mesmo" (Estados Unidos); "O barão de Munchausen" (Alemanha); "Paraíso roubado" (México); "E o sangue semeou a terra" (Estados Unidos); "Estranho inimigo" (Estados Unidos); "Sinfonia eterna" (Estados Unidos); "O inventor da mocidade" (Estados Unidos); "Vida contra vida" (Estados Unidos); "A hora violenta" (Estados Unidos); "Em nome da lei" (Itália); "Caminhos da aventura" (Estados Unidos); "O mundo não perdoa" (Estados Unidos); "Rio da aventura" (Estados Unidos); "Don Juan" (Espanha) e "Amanhã é outro dia" (Itália).

A OPINIÃO DE L. BOLTSHALSER

"Rashomon" é impressionante. A originalidade da idéia, a narrativa de um assassínio em quatro versões diferentes, cada qual convindo ao depoente, foi aproveitada por Akira Kurosawa, o diretor, de modo admirável. Sua câmara, de uma mobilidade surpreendente, consegue uma angulação variadíssima. O filme é cinema, no mais puro estilo, na sua fôrça, na sua exatidão psicológica. A interpretação, como o filme, é extraordinária. Sobretudo Toshiro Mifune, no bandido, é ator de invulgares recursos. Seu desempenho também, coloca-se entre os melhores do ano.

ANO



Alfred Hitchcock: «Tortura do silêncio».

Excelente também, Machiko Kyo na mulher, e Masayuki Mori, no marido. "Rashomon" é o conflito entre a verdade e a mentira. O filme foi extraído de um conto de Ryonosuche Akutagawa, autor que suicidou-se em 1927 declarando que não mais podia suportar os problemas morais impostos pelo mundo contemporâneo.

"A tortura do silêncio" (I confess), constitui a redenção de Alfred Hitchcock, que se penitenciou por êsse modo dos seus ingênuos "Interlúdio", "Agonia de amor" (The Paradine case) etc. Pela primeira vez, em muitos anos, o velho mestre se encontrou frente a uma história excelente, que lhe dá amplas oportunidades de construir suspense e angústia. Desta vez, não há mistério. Desde o princípio sabe-se quem é o assassino. E é precisamente sôbre isso que se baseia o suspense. O filme é a história de uma injustiça que deve ser alçada. A autoridade de Hitchcock como cineasta, a facilidade e fluência, a angulação de seu filme, representam algo que merece ser visto. Êle descobre ângulos inteiramente novos, de um eloqüência não suspeitada. O policial a vigiar o padre, por cima do ombro do suspeito ao interrogá-lo; as mãos de Anne Baxter, a discar nervosamente o telefone, são detalhes de grande fôrça expressiva. Até o final feliz é perfeitamente aceitável, tal como está. O filme tem ainda dois ótimos trabalhos de interpretação, de Montgomery Clift, e sobretudo de Anne Baxter, uma das melhores atrizes do cinema americano.

Deliciosa pintura da alma irlandesa, "Depois do vendaval" de John Ford, classificou-se também como um dos melhores trabalhos do ano. De qualidade muito superior à de seus últimos filmes, "Depois do venda-

E. Fernandez: «Maclovia»



John Ford: «Depois do Vendaval».





Vincent Minelli: «Assim estava escrito».



David Miller: «Precipícios da alma».

Os melhores do ANO

val" trá-lo de volta aos campos da Irlanda em seu melhor estilo. Para Ford o filme deve ter uma significação tôda especial, pois nele encontrar-se-ão obrigatòriamente muitas recordações da infância do seu autor (Ford é, como se sabe, irlandês). O filme é um retrato do temperamento irlandês, povo combativo e orgulhoso por tradição, apreciador das discussões, das brigas, e do "whiskey". Além da finura da narrativa, da comicidade saborosa e das lutas entre o brutamontes MacLaglen e John Wayne, "Depois do vendaval", prima pela exatidão na descrição dos tipos. Barry Fitzgerald tem aqui a melhor oportunidade da sua carreira, como Michaelyn O' Flynn, o maior amigo do "whiskey" que existia na aldeia. Maureen O'Hara nunca estêve tão deliicosa; John Wayne e Victor MacLaglen, intérpretes habituais de Ford, também muito bons, sobretudo MacLaglen.

É difícil falar de "Luzes da ribalta" sem se faltar ao respeito com Carlitos, indubitàvelmente a maior figura do cinema. O filme é dos que mais controvérsias tem levantado; uns, consideram-no a obra máxima de Chaplin, e aplaudem-no sem reservas. Outros, menos numerosos, não se mostram tão entusiastas e confessam seu desapontamento diante dêsse trabalho de Chaplin. Colocamo-nos entre os segundos, mesmo sem esquecer o muito de beleza que o filme tem: "Limelight" é poderosamente humano, mas o Chaplin dêle não exibe mais aquêle seu toque mágico, que tinha o dom de transformar o mais comum e banal, em algo de "chapliniano" quer dizer — de sobrenatural. Não falaremos aqui, do seu número com Buster Keaton, realmente estupendo, que já foi bastante comentado e elogiado. Nem da

valsinha vulgar que acompanha o filme. Mas parece-nos que em nenhuma outra ocasião Chaplin teve tanta preocupação em agradar. Basta rever "Monsieur Verdoux" um filme sem concessões, que ao lado de "Luzes da cidade" continua sendo o ponto máximo da obra de Carlitos. "Luzes da ribalta" está cheio dos efeitos melodramáticos fáceis, que Carlitos sempre desprezou. Chaplin, quer rindo e fazendo rir, quer sofrendo e emocionado, era extraordinário, imenso. Aguardemos ansiosamente seu próximo filme, que, ao que parece, marcará sua volta à comédia. Porque, para nós, "Luzes da ribalta" pode ser um bom filme, mas como obra de Chaplin, está muito aquém das suas predecessoras.

A poesia singela de "Lili" foi uma das revelações do ano. Charler Walters vinha dirigindo musicais de menor importância. Mas a história delicada e simples do filme, e sua despretenciosa linguagem cinematográfica fazem seu valor. Dois interessantes bailados apresentou a película. Sobretudo o segundo, com uma coreografia original, onde "Lili" tem a revelação de seu verdadeiro amor, dançando com os bonecos, que um a um se transformam no ser amado. Serviu também para mostrar o talento de atriz da bailarina Leslie Caron, tendo ainda Mel Ferrer, um bom ator, em ótimo desempenho.

"Assim estava escrito" (The bad and the beautiful), o filme dos cinco "oscars", foi outra interessante realização, ainda que o diretor, Vicente Minelli, estivesse visivelmente deslocado no gênero. Seu talento está mais talhado para musicais, terreno onde êle tem realizado obras importantes (como "Sinfonia de Paris", em co-direção com Gene Kelly). O filme revela indecisão, e seus personagens, certa falta de lógica em suas reações, defeito mais do cenário do que da direção. Minelli tem momentos de grande inspiração, principalmente na fuga desesperada de Lana Turner no automóvel. O final também, deixando a conclusão a cargo do espectador, dá um toque interessante que quase faz-nos esquecer os altos e baixos do desenrolar do filme.

"Romance proibido", belo filme de Guy Lefranc, foi o melhor que a França nos mandou, neste ano pobre de lançamentos de procedência européia. Desde as primeiras cenas, sente-se a melancolia das coisas perdidas para sempre. A história dos dois jovens atinge as proporções da tragédia de Romeu e Julieta. Além de sua mensagem, o filme contava com a presença de Louis Jouvet, em seu último desempenho para o cinema. Sua personalidade tinha tanta fôrça, que bastava sua entrada em cena para que ela se fizesse sentir. A graciosa Dany Robin fazia a jovem, enquanto Daniel Gélin, um tanto presunçoso, era o rapaz. Georges Chamarat apareceu também numa criação impressionante, do pai alcoólatra.

Em meio a muito dramalhão, muita Pampanini, muitas caretas de Walter Chiari, foi exibido no Brasil êste ano um bom filme italiano: "As garôtas da praça de Espanha". É uma incursão sincera na vida quotidiana das jovens costureiras romanas. Luciano Emmer vai da comicidade ao lirismo. sempre se revelando muito humano. É um filme agradável, leve, que se destaca da produção que a Itália nos tem mandado nestes últimos anos.

"O rio sagrado" (The river) é um filme calmo, uma mensa-

(Continua na pág. 34)



John Huston: «Moulin Rouge».



Charles Chaplin: «Luzes da Ribalta».



«As oito vítimas»

CARTAZES em REVISTA



Olivia de Havilland, a melhor intérprete da semana, em «Eu te matarei querida».



Ginger Rogers está esplêndida no episódio em que são satirizados os programas de felicidades conjugais no rádio.

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos) 5 pontos — excepcional; 4 e 4½ — ótimo e admirável; 3 e 3½ — bom e muito bom; 2 e 2½ — sofrível e regular; 1 e 1½ — fraco; 0 — inqualificável.

1 – PIRATA SANGRENTO

Poderia ser uma grande paródia aos filmes de rapinagem. O intento foi, mesmo, levar tudo na brincadeira. Acontece, entretanto, que sátira exige finura, observação, malícia sutil. Depois, por vêzes, tenta o desenrolar expor ângulos mais sérios e isto constitui uma prova de que a irreverência cômica do filme foi, apenas, recurso para reforçar a bilheteria. Com a atenuante do humorismo, desfilam os maiores absurdos a que já foram vistos nestes últimso 20 anos de filmes de piratas. De certa feita, o herói e dois companheiros estão algemados, em pequeno barco e distantes da costa. A embarcação é virada e, certamente, vão parar no fundo do oceano. Passam os três a caminhar, em baixo das águas, suspendendo o barco com os braços (as algemas estavam presas ao mesmo) e, assim, alcançam a terra! O "record" das fantasias é batido no "climax", quando os oprimidos revoltam-se contra os nobres e militares, os eternos opressores. Aí, são usados, embora em armas tôscas, tôda sorte de inventos modernos (metralhadoras, tanques e lança-chamas) e até os balões aerostatos, etc. Nada disto recebeu tratamento para sátira e, sim, de vulgaríssimo entretenimento. Há público para tudo e êste, com tôda a inconseqüência, também renderá o suficiente a fim de que outros, semelhantes, venham pelo caminho. O diretor, muito sem habilidade, mas com o ritmo adequado à vulgaridade do gênero aventureiro, foi Robert Siodmak e isto deve surpreender muita gente. Em vários instantes (inclusive naquelas correrias entre o "pirata Duvalseu companheiro e os soldados, o filme tem padrão de comédia de dois rolos. Burt Lancaster tem oportunidade de para comédia e aventuras. A pequena é Eva Bartock, comum e os outros são tipos característicos conhecidos, sendo o melhor Nick Cravat. Os demais: Torin Thatcher, James Hayter, Leslie Bradey, etc. Gastou-se "technicolor" nesta carnavalesca realização.

3½ – TRAVESSURAS DE CASADOS

Comédia viva, de boa classe, onde a expontâneidade gera um humorismo por vêzes fino e sutil, por vêzes franco. Um juiz, antes da devida licença, faz cinco casamentos. Passados os anos, descobre-se o engano, e os casamentos legais passam para ilegalidade.

Nunnally Johnson com uma dose de bom cinema e "sense of humour" constrói situações verdadeiramente cômicas, tornando o filme divertidíssimo. O argumento conta-nos cinco episódios distintos, cujo nivelamento, tendo em vista fator qualidade, não é exatamente o mesmo para todos.

Assim sendo dentre os melhores destacamos as seqüências entre Fred Allen e Ginger Rogers, que se casam para conseguir um rendoso contrato radiofônico, e são fora do lar um casal modêlo. Vivem entretanto num verdadeiro inferno dentro de um mutismo inquebrável ou discutido a mais não poder.

As seqüências entre Paul Douglas e a excelente Eve Arden, provam mais uma vez a capacidade do argumentista e cenarista. Comparece Marilyn Monroe, obrigatòriamente de "maillot", produzindo comentários dos elegantes e galantes que dizem ter ela grandes qualidades somáticas! Os atores são todos de primeira classe Fred Allen (depois de longa ausência), Ginger Rogers, boa atriz para o gênero, Paul Douglas, Eve Arden, Edie Bracken, David Wayne e outros. Nunnally Johnson produziu e escreveu o cinedrama. Edmond Goulding dirigiu.

Há ainda, a fotografia de Leo Tover e boa música de Mokridge.



«O preço de um pecado» e que pecado!, para o espectador.

Parte do júri que classificou as figurantes.



COM MUITAS FESTAS, ENCERROU-SE O 2.º CONGRESSO DE CINEMA ★ A MULTIFILMES OFERECEU UM ALMÔÇO ★ "COCKTAIL" DOS INTELECTUAIS ★ "SHOWS" IMPROVISADOS ★ A PASSEATA E A VERA CRUZ ★ AS PRINCIPAIS TESES DISCUTIDAS ★ O ENCERRAMENTO

de SANIN, exclusivo para "A CENA"

COM FESTAS ENCERROU-SE O 2.º CONGRESSO DE CINEMA

Como parte das homenagens prestadas à delegação Moacir Fenelon, ao 2.º Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, foi organizada pela Multifilmes uma visita aos seus estúdios na manhã do dia 15 do corrente.

Deram boas-vindas aos visitantes os senhores A. Antony Assumpção, diretor-presidente da Companhia e Mário Civelli diretor de produção. Percorridos os estúdios foi oferecido um almôço à seguir do qual exibiu-se fragmentos de "A Sogra", película que atinge a fase de acabamento final, e o excelente documentário "Fortunas Escondidas" sôbre o rio Araguaia, em côres. Êste documentário será apresentado no Festival Internacional de Cinema a ser realizado em São Paulo em 1954.

COQUETEL DOS INTELECTUAIS PAULISTAS AOS CINEASTAS

Os congressistas ao 2.º Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, foram recepcionados pelos intelectuais paulistas, em coquetel oferecido na Livraria das Bandeiras. Ao mesmo compareceram, além dos convidados, alguma das figuras representativas das letras e artes paulistas. Entre outros lá estavam: Afonso Schmidt, Jorge Medauar, o pintor Clovis Graciano, o cantor Geraldo Castelar, o poeta Rossini Camargo Guarnière. Êste último saudou os visitantes em expressiva alocução em que sugeria aos cineastas presentes, as imensas fontes das quais se poderia recolher elementos para o desenvolvimento de uma temática nacional e autêntica. Episódios como a "Retirada da Laguna", romances como "Inocência" de Taunay, biografias científicas como a de Osvaldo Cruz etc..

Foi improvisado um "show" em que participaram "Zé do Norte", compositor que assinou "Lua Bonita", "Muié Rendera" e tantos outros sucessos; Alberto Ruschel que cantou e declamou, Renato e Geraldo Santos Pereira e o poeta sertanista Aloísio Costa que declamou poesias de sua autoria. Esta foi finalmente a tarde em que os intelectuais paulistas se irmanaram com os cineastas brasileiros, congressistas ao 2.º Congresso Nacional do Cinema Brasileiro.

* * *

Em visita de cortesia estiveram na Assembléia Estadual de São Paulo uma comissão representativa do 2.º Congresso Nacional de Cinema Brasileiro. Cordialmente recebidos, foram saudados pelos representantes de tôdas as bancadas que demonstraram um vivo interêsse pela causa de nosso cinema, assim como uma alta compreensão dos problemas da nossa cinematografia.

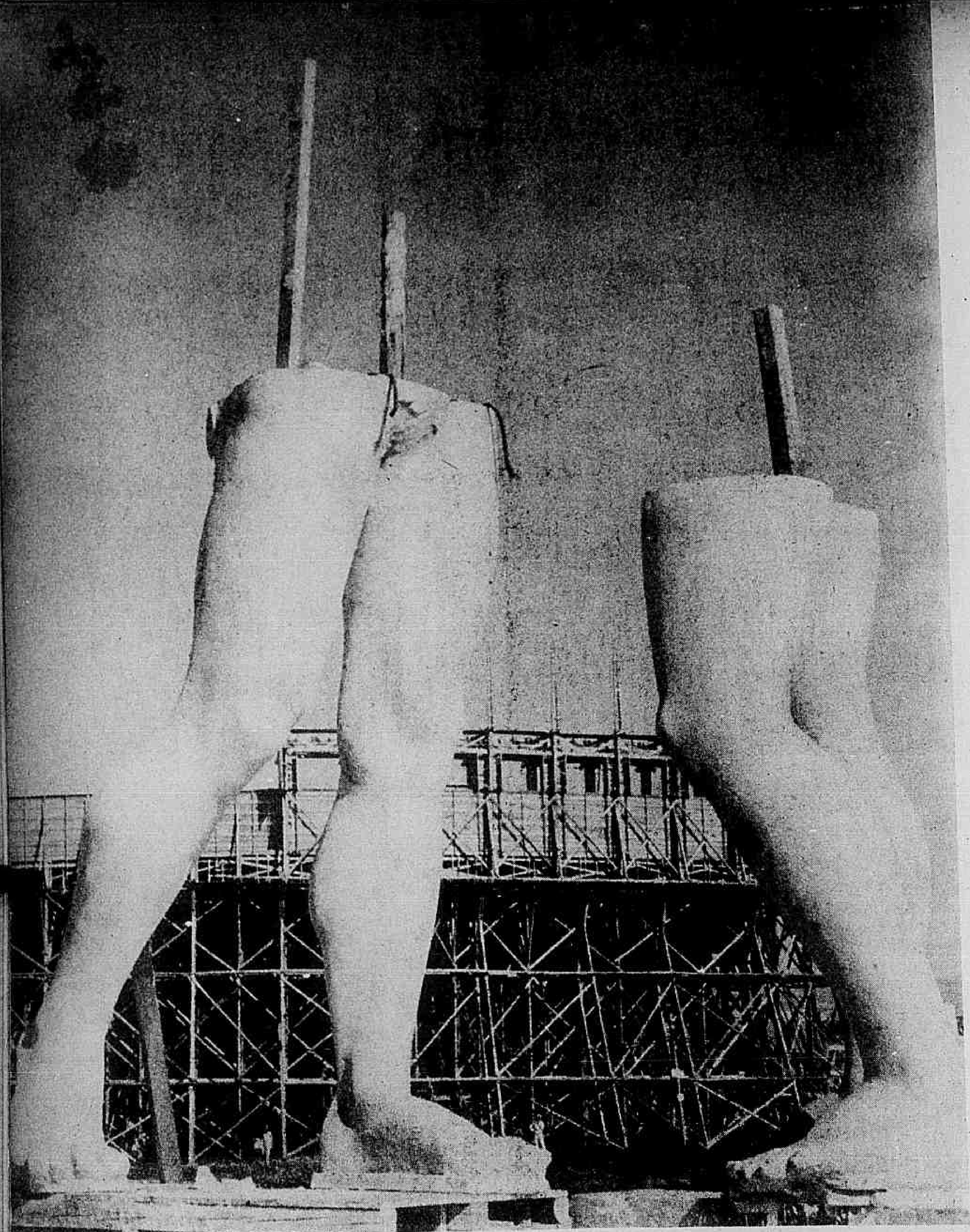
* * *

No domingo, dia 13 de Dezembro, prosseguiram os trabalhos do 2.º Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, cuja instalação tivemos oportunidade de noticiar, no número anterior. Muitos curiosos que, na primeira noite, vieram fazer bonito, já satisfeitos com as respectivas fotogênias, houveram por bem não comparecer. O assunto era sério. As teses estavam sôbre a mesa para serem discutidas, vontade e, se aprovadas, seriam remetidas aos órgãos competentes. Teses que, embora em pequeno número, sugerem medidas que visam beneficiar a economia privada e governamental. Entre outras, citemos: a taxação do filme estrangeiro, quer impresso ou negativo, assim como restrições à sua importação. Esta medida visa um fundo de desenvolvimento para o nosso cinema; Exportação das fitas nacionais para mercados consumidores, ainda não explorados; criação de Escolas de Cinema; redistribuição das arrecadações da bilheteria, visando bene-

(Continua na pág. 34)

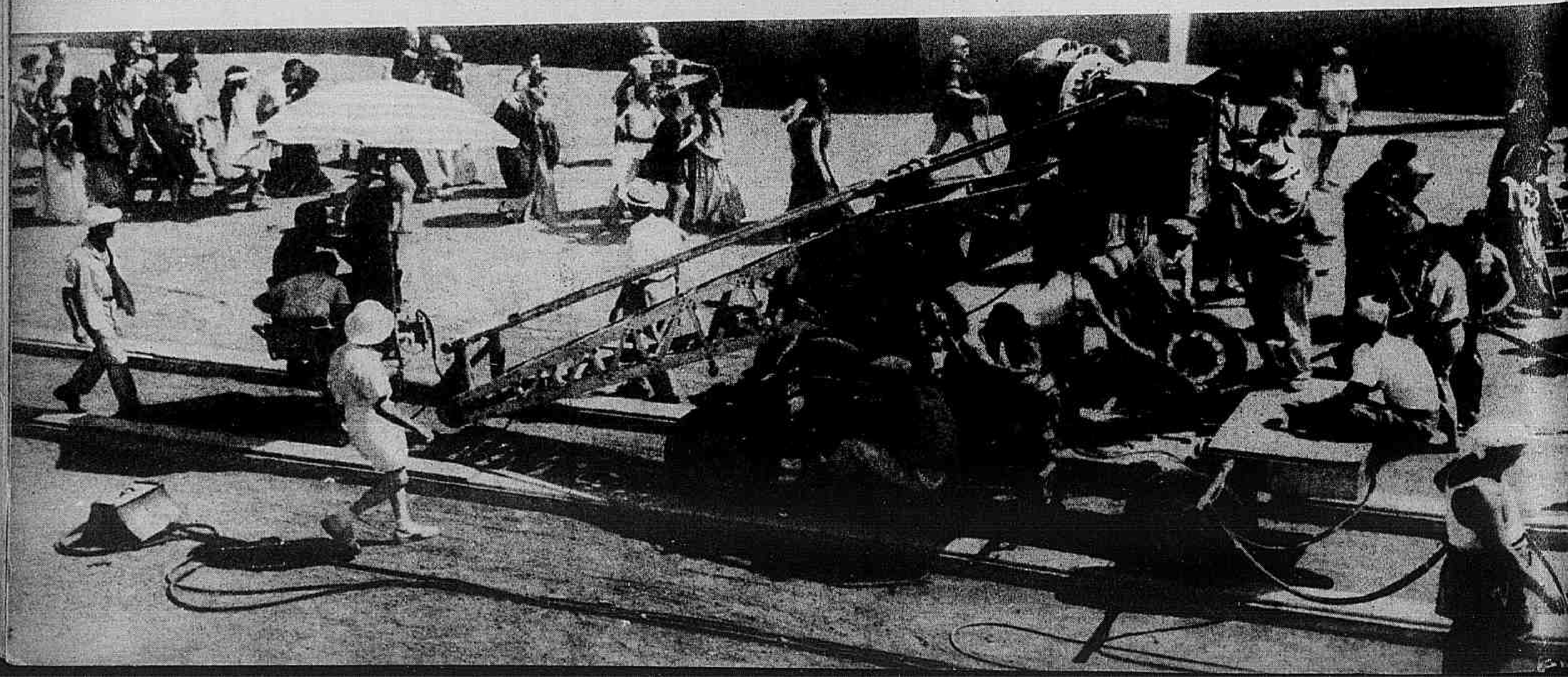
A assistência, a uma das sessões do Congresso.



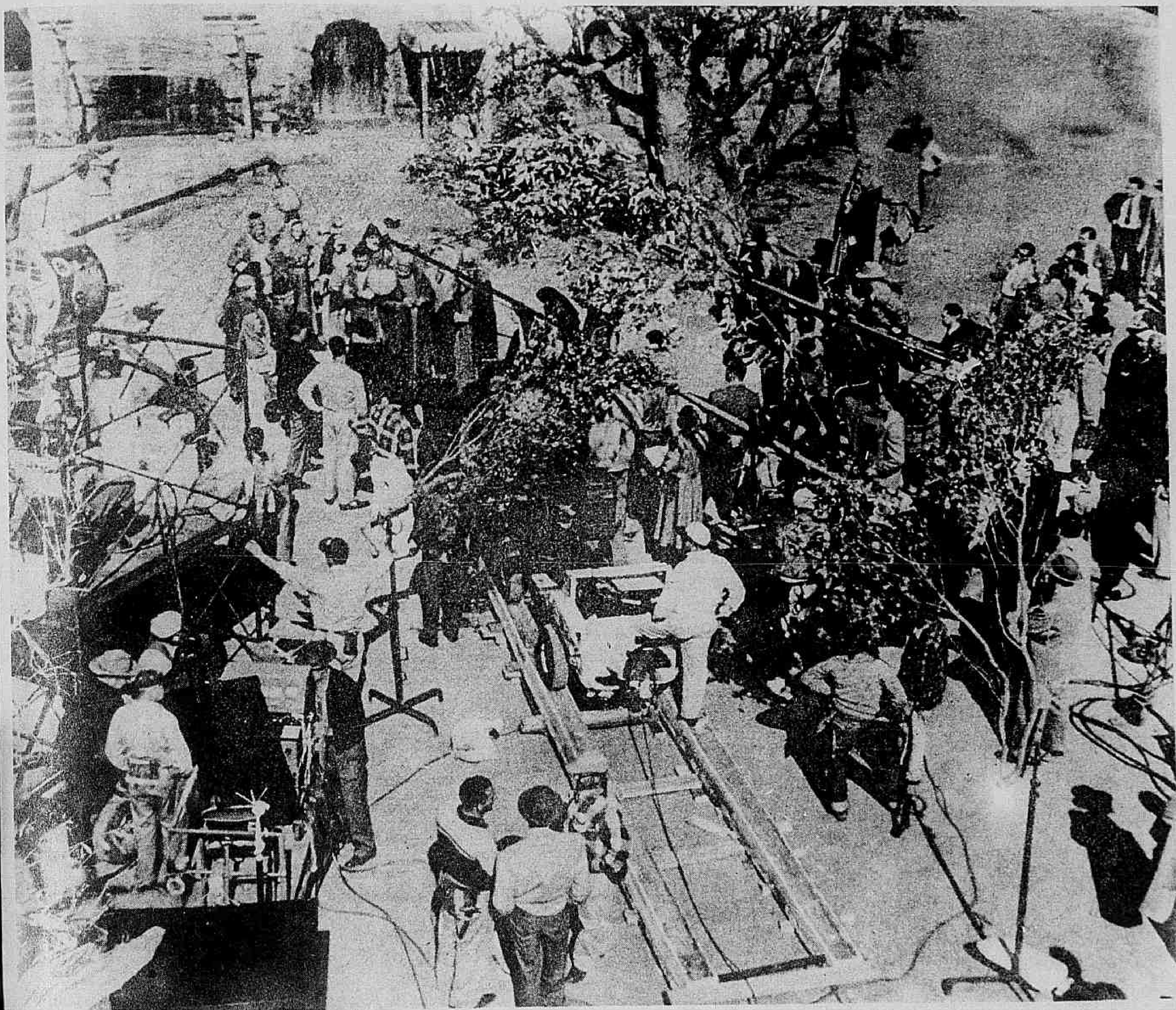


● Na tela parecem grandes obras arquitetônicas. Entretanto, são feitas de papelão e um pouquinho de gêsso, para arrematar. Observem os pequenos sarrafos de madeira, que são vistos no alto das pernas, muito estreitos, mas suficientes a fim de sustentar o pequeno pêso dos papelões e, também, a pequena base de madeira, nos pés. As «estátuas» servirão para «Quo Vadis», da Metro.

● Todo o espectador tem noção de que a máquina se desloca. Muitos sabem o que seja um «travelling» e outros não. A fim de satisfazer a curiosidade do último grupo, que nunca teve oportunidade de visitar um grande estúdio eis, aí, embaixo, como são feitas as movimentações planas. No número anterior, tivemos oportunidade de mostrar o que seja uma «grue» (deslocações da câmara, no espaço). Agora, o «travelling», em geral armado sôbre trilhos de ferro, a fim de o deslisamento ser o mais firme possível. O segrêdo dos «travellings» é justamente êste: a suavidade das deslocações, a fim de que sejam sentidos ao mínimo.



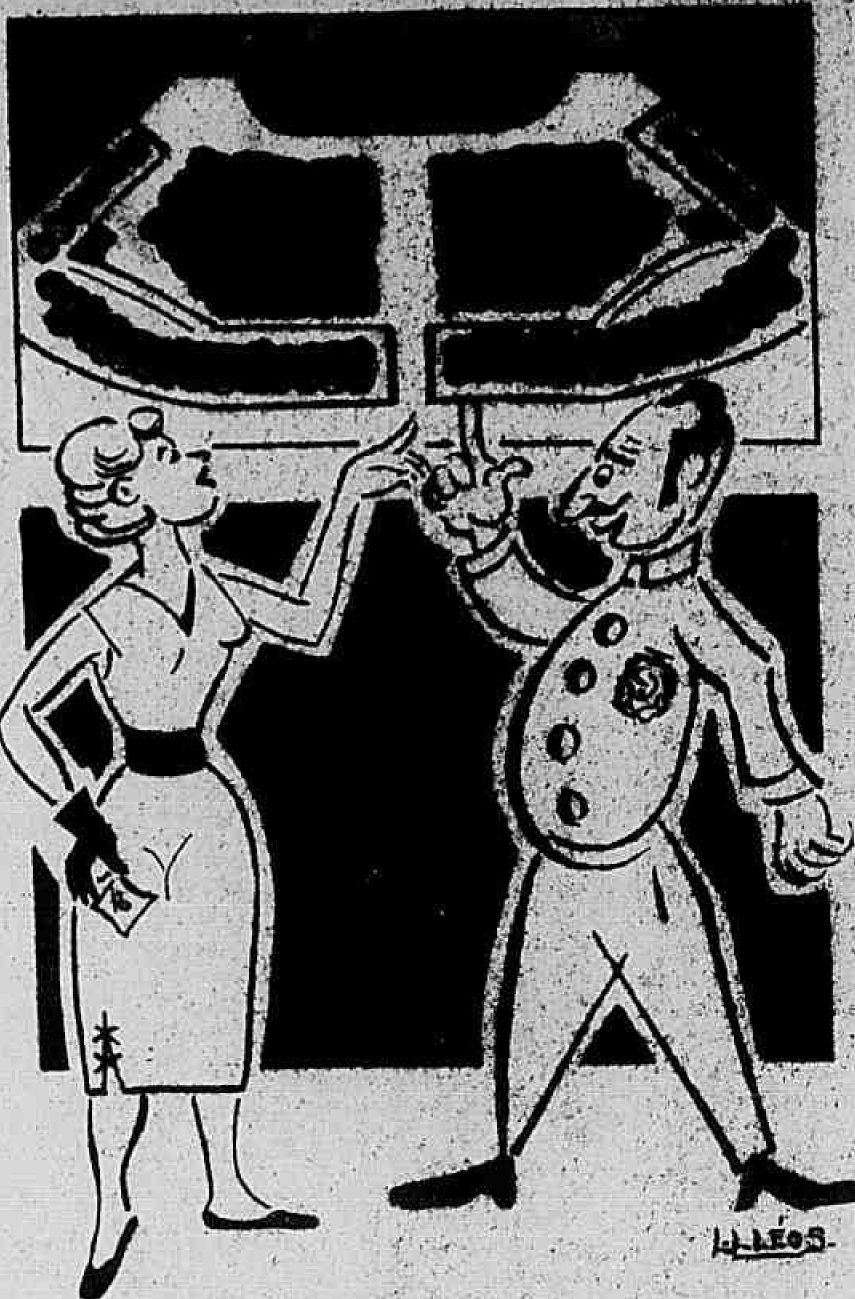
SEGREDOS DA TELA



● Como vêem, não há muita necessidade de uma floresta. A fim de ser rodado um pequeno trecho, com ambiente de floresta, bastam alguns galhos pendurados, aqui e ali, e a ilusão, na tela, é perfeita. Vejam que não são muito grandes e que há, apenas, uma única árvore, pintada, no fundo da cena. Em primeiro plano, pode ser também vista a armação de um «travelling» e o vasto aparato técnico necessário para uma filmagem.

CURIOSIDADES

De OSWALDO DE OLIVEIRA



Em Buenos Aires os lugares são vendidos com antecedência e numerados, à escôlha do freqüentador. O desenho reproduz uma discussão entre uma espectadora, que deseja trocar a sua poltrona, a fim de sentar ao lado do seu eleito, e o porteiro que recusa, por ser proibido.

O EXCESSO DE LOTAÇÃO

Varia intensamente, entre as várias grandes cidades do mundo, a questão das lotações. De maneira quase geral, inclusive em diversas cidades do nosso país (e São Paulo pode ser referida, novamente) não se permite excesso nos centros de maior fama e progresso. Entretanto, no Rio de Janeiro, a Delegacia de Costumes, que tanto alarde faz na projeção de letreiros proibitivos, ainda não ajustou o fato. Por exemplo, estivemos presentes à última pré-estréia dominical do Cine São Luís: domingo 19 de dezembro. Havia tanta gente, em pé ou sentada pelos corredores que, até mesmo um rato teria dificuldade de transitar para as saídas laterais. Observe-se, por exemplo, o sistema de Buenos Aires. Em cada bilheteria, de qualquer cinema, há um grande mapa do interior da sala de espetáculos, bem à vista do público. Para cada sessão, através de pequenos orifícios, que se encontram em cada um dos lugares, figurados no mapa, encontram-se as próprias entradas. Em qualquer momento, o espectador interessado lança uma vista de olhos para a situação do mapa e tem a vantagem de escolher o ponto exato em que deseja assistir ao filme. A antecedência com que são vendidos os bilhetes ocasiona, devido ao fato de não trocarem os ingressos, pequenas cenas conforme a ilustração acima.

EM CADA TERRA, UMA SENTENÇA

Em Paris há um curioso e pitoresco hábito. Após a projeção dos complementos e «trailers» acendem-se as luzes dos salões. Surgem moças,

O FUMO

Em diversas e importantes cidades do mundo, em lugar de proibição contra o fumo há, ao contrário, um convite aos apreciadores. Em Londres, por exemplo, em cada uma ou duas poltronas acha-se instalado um cinzeiro. A liberdade, aliada à disciplina de um povo, não se traduz em abuso. O contraste é que, sem exagêro, observa-se maior número de fumantes no Rio de Janeiro que na capital londrina. Aqui em nosso meio, todo o motivo de proibição cria maior atrativo (inclusive os filmes proibidos para menores). O carioca adquiriu uma «técnica» especial de fumar, à revelia da vigilância. Quando, entretanto, os «vagalumes» estão dispostos a cumprir a lei, os espectadores — que nada têm a ver com o assunto — são muito mais perturbados do que a fumaça. Há, em geral, o deliberado intento de burla. O fumante finge que atira o cigarro fora e, apenas, traça-o com os dedos, do lado oposto em que é projetada a luz do «vagalume». Surgem, freqüentemente, troca ríspidas de palavras, não raro discussões e a permanência da luz acesa aborrece todos os espectadores das imediações. Já em São Paulo o assunto é encarado de outra maneira. Não se fuma, de forma alguma. O espectador respeita por que, se incorrer em falta — seja quem fôr! — será imediatamente pôsto fora do cinema, pois os guardas têm severas instruções para cumprir a lei. Para a irreverência (ou indisciplina) do carioca, sòmente ou a aplicação da lei ou, então, o clássico cinzeiro londrino. Incomodaria muito menos a todos.

No Rio de Janeiro, precisamente no momento em que é projetado o aviso de proibição aos fumantes, muitos dêles glosam o assunto, com longas baforadas de fumo.



e "CLOSE-UPS"

(exclusivo para A CENA)

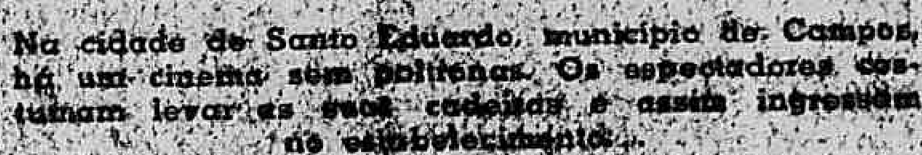
chamadas «pipocas» quer quando são trituradas quer ao simples atrito com os papéis nos pacotes, cujo barulho é ampliado, dezenas de vezes, pela suavidade da música de fundo dos filmes...

HINOS NOS CINEMAS

O civismo do povo britânico reflete-se nos cinemas. Após o término (ou, por vezes no início) das sessões diárias, é projetado um pequeno filme com o mais clássico trecho do hino inglês. Assiste-se a uma evolução da banda real, em uniforme de gala, ao mesmo tempo que se escutam os acordes da música. Quando o filme, de longa metragem do programa, é em prêto e branco, da mesma maneira surge o espetáculo do hino. Porém, se a película principal é colorida, também êste pequeno complemento é apresentado em côres!

CASOS PITORESCOS NO BRASIL

A fim de terminar as «Curiosidades» de hoje vamos narrar o que ocorre em alguns cinemas do interior do país. Para não ir muito longe, no Estado do Rio de Janeiro, há diversos cinemas que não possuem cadeiras ou sequer bancos, conforme é tão usual. No Município de Campos, em São Eduardo, por exemplo, os espectadores têm que sair de casa conduzindo as próprias cadeiras. Quando se exibe, então, um «far-west» de sucesso, conforme pode ser visto, no irreverente desenho acima, se torna muito curiosa a «fila» dos espectadores, cada um sustentando, nos braços, os respectivos móveis caseiros!



Na cidade de Santo Eduardo, município de Campos, há um cinema sem poltronas. Os espectadores costumam levar as suas cadeiras e assim ingressam no estabelecimento...

Em Londres é permitido fumar e, em cada duas poltronas, há um cinzeiro à disposição dos interessados. Apesar da [illegible] menos do que no Rio de Janeiro.

uniformizados, que procuram vender qualquer coisa aos frequentadores. No verão, os sorvetes, no inverno, [illegible] de guloseimas. Pelo fato de a [illegible] com intuito de aumentar o lucro, as jovens frequentemente insistem demais a fim de que os frequentadores comprem qualquer coisa. Também em Paris, êste mesmo sentido de avidez monetária fêz com que [illegible] de moças empregadas [illegible]. Ao ingressar no cinema [illegible]

[illegible]



Em 1934 a genial Elizabeth Bergner e Douglas Fairbanks Jr., em Catarina, a Grande», de Paul Czinner.

ENTRE DUAS GUERRAS

A EVOLUÇÃO DO CINEMA BRITÂNICO

Por L. BOLTSHALSER
(exclusivo para A CENA)

Em 1933, Charles Laughton em «Os Amôres de Henrique VIII», de Alexander Korda.



DURANTE a primeira guerra mundial os Estados Unidos asseguraram sua supremacia no mercado cinematográfico mundial. Tôdas as condições os favoreciam: não tinham, como os países europeus, sofrido diretamente as conseqüências da guerra; possuíam meios financeiros, enquanto que as nações da Europa estavam empobrecidas. E, finalmente, com a facilidade natural com que os americanos se adaptam e dominam as novidades, tinham não apenas preparado bom mercado de consumo interno, para a indústria cinematográfica, mas, também, técnicos que, como David Wark Griffith, fizeram o nome do cinema americano respeitado em todo o mundo e adiantaram a indústria de muitos anos de vantagem sôbre as dos outros países.

Uma vez terminada a guerra, a Inglaterra, como outras nações européias, procurou reorganizar a indústria do filme. Encontrou logo dificuldades intransponíveis. Em primeiro lugar, os americanos tinham conquistado o mercado inglês; os filmes britânicos não tinham sucesso comercial nem na própria Inglaterra. Esta situação perdurava dinda em 1929. Impossibilitados de organizar uma escola, que preparasse técnicos e atores, os filmes inglêses eram resultado de improvisação, e assim, muito inferiores aos americanos. A fraqueza econômica ocasionando a fraqueza artística, tudo ficava neste círculo vicioso.

Tentativas para rompê-lo fracassaram. Em 1925, 95% dos filmes exibidos na Inglaterra eram americanos. Os distribuidores impunham contratos globais, que obrigavam os exibidores a programar uma série de dez ou mais filmes. Geralmente, para uma superprodução seguia-se tôda uma lista de filmes inferiores.

Por volta de 1925 começou um movimento a favor de uma legislação protecionista para a indústria cinematográfica britânica. Êste movimento culminou em 1927 com a aprovação de uma lei que proibia os contratos globais, e assegurava a exibição de filmes britânicos em número proporcional ao dos filmes estrangeiros. Esta lei entraria em vigor a 1º de janeiro de 1928. Mas, antes dessa data, já o mundo cinematográfico se agitava com a nova de que o cinema iria falar.

A princípio, os produtores inglêses sofreram um rude golpe, mas o rumo dos acontecimentos de certo modo os favoreceu. Hoje, encontram no som um aliado poderoso.

O número de produções inglêsas cresceu de 26, em 1926, para 190 em 1934, ano em que foi exibido o dôbro do número de filmes obrigado por lei, após uma baixa temporária em 1930.

O crescimento da produção inglêsa foi muito oportuno, justamente quando declinou a americana em conseqüência da depressão financeira, e quando o filme dialogado impunha limitações no mercado. O índice de importação de filmes estrangeiros desceu de 556 em 1931, para 484 em 1934.

Em 1929, Alfred Hitchcock deu o primeiro passo importante na trilha



1939: Vivien Leigh e Laurence Olivier em «The Hamil ton Woman»



1941: «Lydia», com Merle Oberon, Joseph Cotten, Allan Marshall



do sonoro com «Blackmail» (Chantagem). Sem nenhuma experiência, Hitchcock mostrou ser capaz de empregar o som com imaginação, fato ainda mais surpreendente se levarmos em conta que o filme tinha sido planejado originàriamente silencioso. «Blackmail», sem ser uma obra-prima, era infinitamente superior às produções americanas da época. Apesar da sua qualidade, o filme encontrou uma tão grande oposição, que a produtora British International Productions se viu em má situação. Em New York, ainda que tivesse sido elogiado pela crítica, a película não encontrou quem estivesse disposto a exibi-la. A produtora inglêsa para isso teve que alugar um teatro. Até nos domínios britânicos o filme foi frìamente recebido. A censura australiana chegou a interditá-lo, mas acabou levantando a proibição.

Êsse é sòmente um exemplo da luta que o cinema inglês teve de sustentar para impor-se.

«A cottage on Dartmoor» (1930), dirigido por Anthony Asquith, dificilmente pode ser considerado um filme sonoro. Uma versão foi gravada em discos, mas a película tinha sido rodada dentro do estilo do filme silencioso.

Com o filme falado veio a moda das filmagens de sucessos teatrais, como todos os defeitos das peças filmadas. Apenas Hitchcock, dirigindo uma versão da peça de Galsworth, «The skin game» (com Edmund Gwenn), se libertou das limitações do teatro e deu-nos a primeira pintura da tradição inglêsa.

O melhor filme de 1931 foi «Tell England», de Anthony Asquith, uma tentativa honesta de mostrar a primeira grande guerra em suas verdadeiras proporções. Asquith contou, na direção do filme, com a assistência de Geoffrey Barkas, que tinha sido operador de documentários sôbre a guerra e que dirigira «A batalha do Somme».

Depois veio «Rome express» (1932), de Walter Forde, que teve enorme sucesso e onde o grande ator alemão Conrad Veidt pôde, mais uma vez, exibir seu extraordinário talento de intérprete. O filme inaugurou os novos estúdios da Gaumont British em Shepherd's Bush e foi qualificado como «o melhor filme de longa metragem já rodado neste país».

Derivado dos antigos filmes de Lubitsch e precursor de um grande ciclo de filmes históricos, «A vida privada de Henrique VIII» (1933), de Alexander Korda, foi a sensação do ano. Entretanto, a importância do filme reside no espetáculo, pois não apresentava cinema de tanta classe assim.

Também em 1933, o notável Conrad Veidt apareceu em «I was a spy» (Fui um espião) de Victor Saville, e em «The wandering jew»



ENTRE DUAS GUERRAS (cont.)

(O judeu errante), de Maurice Elvey. Em ambos deu-nos desempenhos de classe.

A moda dos filmes de espetáculo, cujo maior mérito residia no cuidado do cenário e do guarda-roupa, foi mantida em 1934 com «Catherine the Great», de Paul Czinner; «Jew Suss», de Lothar Mendes, com Conrad Veidt; «The private life of Don Juan». Além dêsses, a maioria das produções do ano foram musicais, como «Blossom time», de Paul Stein, com Richard Tauber.

Hitchcock solidificou sua reputação de hábil criador de «suspense» e atmosfera com «The man who knew too much» e «Os 39 degraus» (1935), e depois com «Secret agent» e «Sabotage» (1936). E houve a preciosa colaboração do grande René Clair com «Fantasma camarada», com Robert Donat, uma inesquecível produção.

Nesse mesmo ano uma boa versão cinematográfica de «As you like it», de Shakespeare, foi realizada por Paul Czinner, e teve como intérpretes, Elizabeth Bergner e Laurence Olivier.

A primeira colaboração de H. G. Wells ao cinema, «O homem que fazia milagres» (The man who could work miracles), direção de Lothar Mendes, apresentava ironia sutil sôbre a organização social. A película pecava pelo excesso de dialogação, e pelo final, onde Wells se perdia em retórica, sem chegar a nenhuma conclusão. A seguir veio «Daqui a cem anos» (Things to come), um filme de profecia de William Cameron Menzies, famoso pela habilidade da trucagem.

Uma interessante experiência com o som foi feita por Friedrich Feher (um das intérpretes de «O gabinete do dr. Caligari») em «The robber symphony», filme que não foi distribuído comercialmente (1936).





Em 1937 apareceu o primeiro filme britânico em côres, «Wings of the morning», de Harold Schuster. E «Farewell again», produzido por Erich Pommer e dirigido por Tim Whelan, mostrava com simpatia e compreensão as reações de diferentes homens de um navio-transporte de tropas inglês que desembarcam em terra com apenas seis horas de licença, depois de muitos anos de serviço no estrangeiro.

Em 1938 começaram as co-produções anglo-americanas. A Metro foi a primeira companhia a estabelecer-se na Inglaterra, onde produziu, entre outros, «Um ianque em Oxford», de Jack Conway; «A cidadela», de King Vidor; e «Adeus Mr. Chips», de Sam Wood. Os acontecimentos na Europa interromperam abrutamente essa colaboração.

Carol Reed, que estreou como diretor em 1936, realizou em 1939 um filme excepcional, «Bank Holiday», um estudo sôbre a classe trabalhadora inglêsa num feriado.

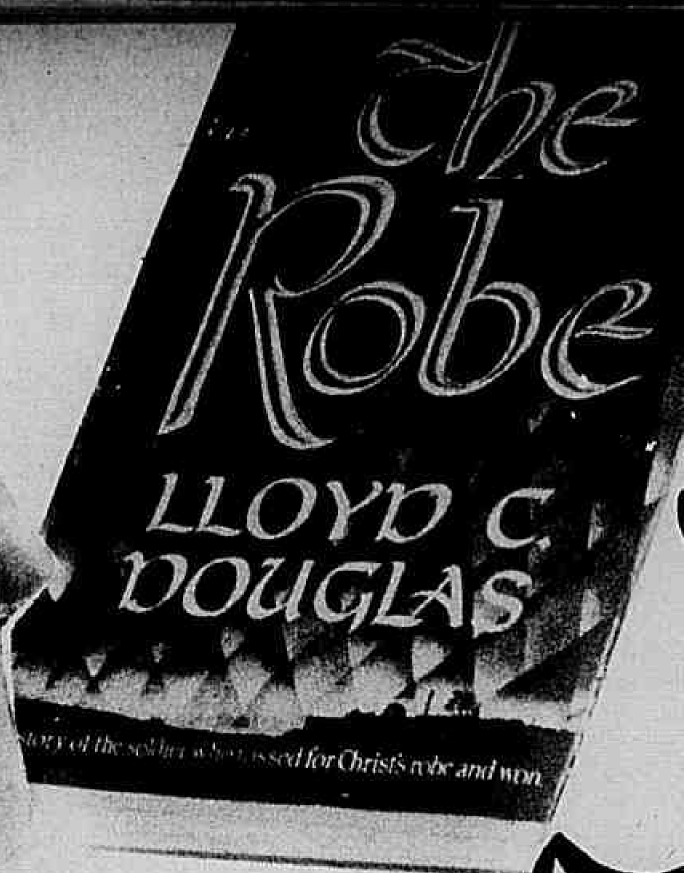
Depois de «Lady vanishes» (1938), Hitchcock dirigiu, saindo de seu gênero, «Estalagem maldita» (Jamaica Inn), filme de valor apenas comercial. E Bernard Shaw, finalmente, consentiu que suas peças fôssem filmadas por Gabriel Pascal. A primeira obra de Shaw levada à tela foi «Pigmalião», dirigida por Anthony Asquith e Leslie Howard, que constituiu grande sucesso.

Em 1939 Michael Power realizou, em linguagem cinematográfica vigorosa, o drama de espionagem realizada por submarino nas Órcades, «O submarino 29» (The spy in black). O «suspense» era acrescido pela objetividade da câmara de Powell e pela angulação surpreendente. E o desempenho de Conrad Veidt, na película, foi saudado como um dos melhores do ano.

Nesse mesmo ano, Powell dirigiu, juntamente com Tim Whelan e Ludwig Berger, «O ladrão de Bagdad». O mais inspirado dos filmes de aventura no Oriente, «O ladrão de Bagdad», criou um gênero que tem sido muito imitado mas nunca superado pelo cinema americano. A presença de Conrad Veidt mais uma vez se fazia sentir impressionante, no papel de um mágico cruel, que, como uma ameaça, ensombreava o idílio do par romântico June Duprez-John Justin. A extraordinária música de Miklos Rosza, cuja inspiração ainda não tinha sido drenada pelo trabalho constante, ficou como uma das coisas inesquecíveis da película.

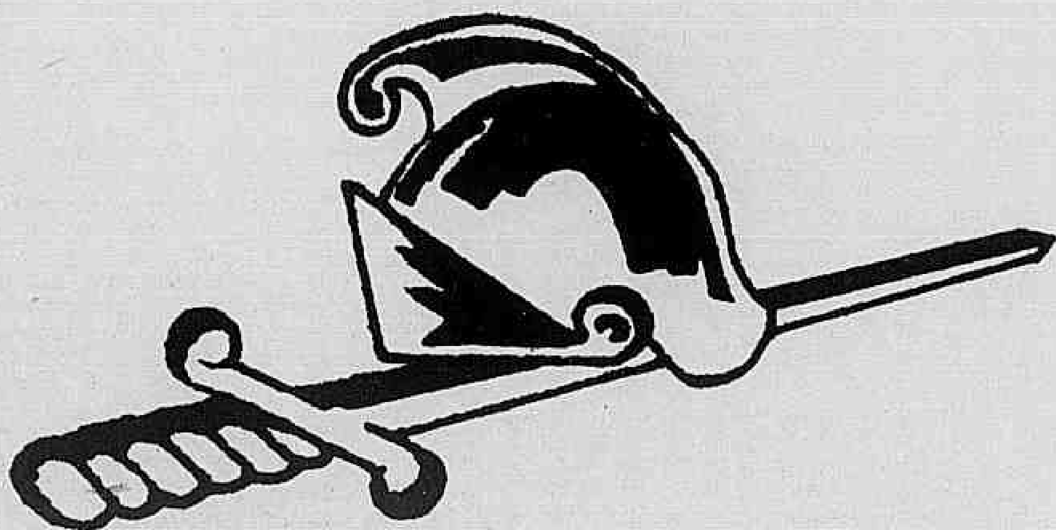
Quando, a 3 de setembro de 1939, a Grã-Bretanha entrou na guerra, já contava com uma indústria organizada que podia enfrentar a nova situação. O período de preparação há muito terminara; o cinema inglês se desenvolvera, técnicos seguros e atores conscientes se tinham formado, a qualidade da indústria cinematográfica britânica se afirmara excelente. A guerra foi para ela um teste de resistência das bases que se vinha construindo desde 1929, depois de muitos anos de luta na preparação do terreno. E as bases não ruíram.





O Manto Sagrado





A NOVELA DAS IMAGENS — Por JONALD

ELENCO:

Personagem	Ator
Marcelo Gallio	RICHARD BURTON
Diana	JEAN SIMMONS
Demétrio	VICTOR MATURE
Pedro	MICHAEL RENNIE
Caligula	JAY ROBINSON
Justo	DEAN JAGGER
Senador Gallio	TORIN THATCHER
Pilatos	RICHARD BOONE
Mirian	BETTA ST. JOHN
Paulo	JEFF MORROW
Imperador Tibério	ERNEST THESIGER

FICHA TÉCNICA

Direção de	HENRY KOSTER
Baseado no livro de	LLOYD C. DOUGLAS
Adaptação de	GINA KAUS
Roteiro de	PHILIP DUNNE
Filmado em	CINEMASCOPE
Fotografia em	TECNICOLOR
Produção da	20th CENTURY FOX





Roma, nos seus áureos tempos de domínio sôbre o mundo. Comemorava-se o 18º ano do reinado do Imperador Tibério. Trinta países lhe enviavam os mais ricos presentes materiais e, também, sêres humanos, selecionados entre os mais fortes gladiadores, a fim de serem vendidos como escravos.

Um dos mais disputados leilões foi o que surgiu a herculéa figura do grego Demétrio (Victor Mature). Dois disputantes revelaram acentuado interêsse pela compra. Um dêles era Marcelo Gallio (Richard Burton), filho de um senador da côrte, e, o outro, o inescrupuloso Caligula (Jay Robinson), neto do imperador. Havia um motivo íntimo que aumentava as altas qualidades das disputas dos lances: ambos eram candidatos ao amor de Diana (Jean Simmons), a pupila de Tibério e da imperatriz Júlia. Embora a jovem manifestasse corresponder a Marcelo, não desanimava Caligula no seu intento.

O triunfo no leilão coube a Marcelo, que dispendeu uma fortuna a fim de comprá-lo: três mil peças de ouro. Inspirara-lhe confiança o gladiador Demétrio. Tanto assim que, imediatamente, confiou no mesmo, dando-lhe liberdade de dirigir-se só à residência de seu pai, o senador Gallio. Ao chegar em casa, Marcelo é severamente repreendido pelo pai que o acusa de acarretar a ira do imperador, com os seus casos pessoais com Caligula. E o resultado ali está, na mensagem que acabara de receber do palácio. Marcelo havia sido transferido para Jerusalém e devia seguir ainda naquela noite! Mal teve tempo Marcelo de despedir-se de Diana, que muito sentiu a sua partida, e seguiu, acompanhado de Demétrio.

Victor Mature (o escravo grego); Jean Simmons (a princesa) e o ator inglês, Richard Burton, no tribuno Marcelo, são as figuras centrais do filme.



A tôdas as torturas resistiu Demétrio

Chegaram em Jerusalém em dia em que o povo, em trajes de gala, festejava a Páscoa, ao mesmo tempo que exaltava os milagres do Messias. Surpreendeu-se Marcelo com o fato de que ainda não tivessem prendido e executado quem tanto excitava a população.

O escravo Demétrio é levado ao pelourinho



Alguns dias depois, o grego Demétrio foi ao seu encontro, prêso de grande agitação. Havia visto a figura de Jesus e ficara impressionado com a sua bondade e poder. Ao mesmo tempo que traz a notícia de que Pilatos confirmara a decisão, de que fôsse crucificado, implora a Marcelo para tentar o seu perdão. Recusa-se o tribuno em atendê-lo e, à noite, em presença de Pilatos, recebe e acata as suas ordens:

— "Três criminosos serão hoje executados e, um dêles, é o fanático Messias. Leve homens suficientes porque talvez haja distúrbios".

Ao despedir-se do tribuno, talvez arrependido da sentença, ordenou a um escravo que trouxesse água: "Vou lavar as mãos".

— "Mas acaba de lavá-las, senhor"!

Nervosamente, respondeu o Governador, temeroso pela evolução dos acontecimentos e tentando sorrir: "Já o fiz?".

Antes de seguir para o Monte Gólgota, onde deveria crucificar os três condenados, Marcelo embriagou os sentidos com vinho. Ao cumprir a missão, escolheu Jesus a fim de ser sacrificado na cruz central ao lado dos dois outros. Após a morte dos três homens Marcelo recebeu, por sorteio, entre os soldados, e com absoluta indiferença, uma triste prenda da execução: o manto que pertencera ao Messias. Lembrando-se que Demétrio se apiedara da sua sorte, atirou-o para o escravo, enquanto o centurião Paulo ironizava:

— "Eis o primeiro troféu de guerra do tribuno Marcelo por vencer o Rei dos Judeus".

E o céu se foi tornando negro, e fortíssimo vento começou a soprar, com fúria.

— "É o castigo", alguém exclamou.

A fim de manter-se de pé, Marcelo apoiou-se na cruz do centro e a sua mão ficou manchada com o sangue de Jesus. Com os olhos temerosos olhou para o alto e transfigurou-se quando, distintamente ouviu uma voz que, momentâneamente, arrefeceu o ruído da tempestade:

— "Pai, perdoai-os. Êles não sabem o que fazem".

Em seguida, recrudesceu o fragor do vendaval e os raios rasgaram o céu, em tôdas as direções. A fim de proteger-se, Marcelo solicitou o manto do escravo mas, quando o teve nos ombros, foi dominado por estranho pavor. Atirou-o ao chão, pisando-o e, ao recolhê-lo, com o sofrimento estampado na fisionomia, Demétrio bradou:

— "Crucificaste-o mas acaba de libertar-me. Jamais voltarei a servi-lo".

E o escravo grego afastou-se, enquanto que, Marcelo, prêso de forte perturbação, nem mesmo demonstrou perceber o que se passava.

O MANTO SAGRADO

A Roma chegaram notícias de que o tribuno Marcelo sofria de perturbação mental. Intercedeu Diana junto ao imperador Tibério e, desta maneira, regressou o tribuno. Foi imediatamente levado à presença do imperador que, ao seu lado, tinha o médico Saperdon e o profeta Dodínio. Conduzido e reconfortado pela presença de Diana, Marcelo respondeu satisfatoriamente às perguntas. Entretanto, quando o assunto recaiu no [illegible] de Jesus, teve algumas incoerentes palavras. A conclusão do esculápio e do profeta foi que o manto do Messias estava amaldiçoado. Concordaram todos, inclusive o imperador e o próprio Marcelo de que deveria ser encontrado e destruído. Solicitou Marcelo e obteve que êle recebesse esta missão. Diana manifestou desejos de seguir o seu eleito mas o imperador a impediu. E, novamente, despediu-se de Marcelo, que partia ainda abalado pelo choque emocional, para outra arriscada missão.

—o—

Na sua peregrinação, Marcelo ficou ciente de que prosseguira, com fervor, o culto da doutrina de Cristo. Embora com descrença, foi tomando conhecimento de uma série de milagres do homem que crucificara. Em Caná, uma pequena cidade, conduzido pelo tecelão Justo, encontrou Miriam, uma cantora inválida que, ao som de uma lira, recitava místicos versos:

— "E, no recesso do sepulcro, não foi encontrado o corpo de Jesus... Uma voz soou ao ouvido de todos... "Não busqueis um vivo em meio dos mortos"".

Justo relevou que, embora Jesus libertara Miriam da paralisia mas que, certa tarde, a contraram novamente, em sua cadeira de rodas, satisfeita, sorrindo e cantando, embora novamente inválida.

Apenas Miriam e Justo conheciam a identidade de Marcelo em Caná. Também a jóvem paralítica ficou sabendo das crises de transtôrno mental a que Marcelo estava sujeito. Certa tarde, Miriam, por quem Marcelo tinha profundo respeito, revelou-lhe que "alguém" poderia curá-lo da sua enfermidade. Mostrou-se Marcelo descrente de milagres e indagou: "Por que, então, o Messias, após salvá-la, permitiu que ficasse novamente enfêrma?

— "Eu mesma muito pensei acêrca dêste fato, até encontrar na fé a resposta. Jesus preferiu não me curar a fim de que outros saibam, conforme acontece comigo, que a desventura não me priva de ser feliz interiormente. Ah! se tivesse fitado os olhos do Salvador!"

Perturbou-se, intensamente, Marcelo ao ouvir estas palavras e, se não fôra a magia da presença de Miriam, possìvelmente teriam retornado as alucinações. Foi a própria moça que, inadvertidamente, falou da recente chegada a Caná de um gladiador grego e escravo.

Sem demora, Marcelo encontrou Demétrio na estalagem de Shalum. Intempestivamente, de adaga na mão, invadiu o seu aposento. Ameaçando-o, pediu a restituição do manto, que era amaldiçoado e deveria ser queimado. Sem perturbar-se, Demétrio entregou-lhe o manto ao mesmo tempo que explicou que não estava naquele despojo a causa do seu mal. Era, tão sòmente, a consciência, o inexplicável sentido de arrependimento:

— "Não é necessário temê-lo. Êle é compreensivo".

Enquanto Marcelo hesitava em queimar o manto se foram perturbando os seus sentidos quando passou a ouvir, conforme já sucedera, no alto do Monte Gólgota, um invisível sussurro de voz:

— "Pai, perdoai-os. Êles não sabem o que fazem".

O temor de Marcelo foi substituído pela sensação de deslumbramento. Instintivamente, passou a estreitar o manto com as mãos. Dominado pela verdade e pela emoção, Marcelo, comprimindo o rosto com o manto, verteu lágrimas de arrependimento e sentiu súbito e benéfico alívio.

—o—

Ganharam, assim, os cristãos de Caná mais um adepto. Certa tarde, na reunião em que os aldeões saudavam, por intermédio de Justo, a Pedro, o grande pescador da Galiléia, foram interrompidos pela violenta chegada das fôrças romanas, comandadas pelo centurião Paulo, o segundo crucificador de Cristo. O primeiro atingido foi o próprio Justo

(Cont. na pág. 34)



Miriam exerceu muita influência na transformação de Marcelo. — Em baixo: Lutam Marcelo e o centurião Paulo.



ENTREVISTAS DA SEMANA

ANÉLIO LATINI

Anélio Latini Filho é um nome que surgiu há pouco. Centralizou, desde logo, a atenção de todos aquêles que se interessam pelo cinema brasileiro. Jovem ainda, alto, dedos longos e nervosos, lembra-nos uma figura saída de uma tela de El Greco.

Objetivo, franco e entusiasta — a juventude nunca comprometendo sua competência e seriedade — tornou-se, graças à tenacidade, um realizador prestigioso pela crítica e pelo público. Seu filme «Sinfonia Amazônica» foi o primeiro desenho animado de longa metragem realizado no Brasil. O argumento é inspirado em lendas do nosso «folk-lore». Como primeira tentativa de empreendimento ousado e honesto, consideramos esta obra plenamente realizada.

Os cinco anos de trabalho de Anélio Latini deram-lhe experiência do «metier» e, principalmente, dos problemas comerciais. Ficou conhecendo a distribuição — êste polvo de muitos tentáculos —, permanente insinuação às concessões e conseqüentes «papagaiadas» tão freqüentes em filmes comerciais de tôdas as procedências. A condição de idealista implica em Anélio Latini uma fôrça de vontade invejável e, apesar da voracidade dos circuitos distribuidores, continuará a fazer seus desenhos em seus estúdios, agora mais aparelhados e com uma equipe de técnicos e artistas especialmente treinados. Não cogita, pelo menos por hora, em outro desenho nos moldes do primeiro; dedicar-se-á ao curta metragem, pois êste atende mais às finalidades do desenho animado ao mesmo tempo que encontra maior facilidade de distribuição e exportação.

Com a produção organizada nos dará um filme cada dois meses, à princípio em branco e prêto e brevemente em côres, tendo, para tanto, encomendado máquinas adequadas nos Estados Unidos. Em seu próximo filme conheceremos o «Urubu Cachaça», inspirado em tipo carioca; é uma figura hilariante e, como o elefante da canção, «incomoda muita gente»; sua primeira realização em côres será «Zé Batuqueira».

Entre os produtores de desenhos animados, de sua preferência, Anélio distingue Fred Quimby, pelo virtuosismo técnico e espírito, embora o ache pouco recomendável para crianças e Walt Disney, pela candura dos tipos criados e pelas ousadas iniciativas.



Miro Cerni e Sílvia Fernanda num intervalo das filmagens de «Floradas na Serra»

ADEMAR GONZAGA

Não é exagêro dizer que Ademar Gonzaga dedicou tôda sua existência ao cinema. Há trinta anos que trabalha e batalha em favor da sétima arte no Brasil. Iniciou, na imprensa, uma campanha pelo cinema brasileiro que culminou com a fundação da extinta «Cinearte». Nessa publicação, editada há mais de vinte anos, Gonzaga, com críticas de filmes de arte e artigos variados, formou e incentivou muitos dos atuais cineastas. Passando da teoria à prática, Ademar Gonzaga fundou, em seguida, a «Cinédia», pràticamente o primeiro estúdio cinematográfico com bases industriais. Conseguiu seu primeiro êxito com «Barro Humano». Gonzaga, que já foi figurante, cinegrafista de reportagem, «cameraman», maquilador, publicista, roteirista e até «stunt-man», teve a satisfação de ver sair dos Estúdios da Cinédia muitos produtores e técnicos que hoje têm renome no Brasil. Na Cinédia, importou a primeira máquina de revelar usando, pela primeira vez, o «fundo filmado», as «máscaras de vidro» e o «movietone» num filme posado. Entre as suas produções destacam-se «O Ébrio», «Bonequinha de Sêda», «Samba da Vida», «Vinte Quatro Horas de Sonho», «Onde está a felicidade», «O jovem tataravô», «O Cortiço» e «Ganga Bruta», dirigido por Humberto Mauro, que, revisto recentemente na mostra retrospectiva, surpreendeu aos técnicos obtendo também referências altamente elogiosas da revista especializada italiana «Cinema».

Durante os vinte anos em que dirigiu a «Cinédia», Gonzaga realizou mais de 50 filmes, superando dificuldades inacreditáveis. No contato diário com o cinema nacional, Ademar juntou um dos maiores e melhores arquivos de cinema nacional, que empregará na realização da história do cinema brasileiro, em três volumes. Enquanto trabalha nessa obra, não perde de vista o cinema ativo: foi, agora, contratado pela Multifilmes S. A., como Eva Vilma, a «estrêla» de «A Sogra».

Eva Vilma, segundo suas próprias declarações, pretende conciliar sempre o cinema com o teatro, que considera a grande escola para os atores cinematográficos. Mas a atividade desta jovem atriz no cinema é contínua. Tendo começado com uma pontinha em «Uma Pulga na Balança», depois de sua apresentação em «O Homem dos Papagaios», Eva Vilma entrou no «cast» de «O Craque», contracenando com Herval Rossano e com Carlos Alberto. Concluído «O Craque», precisando a Multifilmes de mais uma «ingênua», para completar o elenco de «A Sogra», recorreu mais uma vez à sua artista mais moça, que novamente apareceu ao lado de Herval Rossano, compondo com êle o par romântico da fita. Lembra uma figura romântica e singela, daquelas que a literatura do século passado tornou famosas, para satisfação das leitoras sensíveis e dos jovens à procura de ideais sentimentais.

Sendo muito jovem, e tendo dedicado todo o seu entusiasmo à arte dramática, Eva Vilma está apenas no comêço de uma carreira. Só o fato de ter participado de três filmes, em pouco mais de seis meses, confirma a consideração em que é tida. Ao lado de atores como Procópio, Maria Vidal e Ludi Veloso, Eva Vilma está aperfeiçoando seu estilo e promete, com sua inata sensibilidade, alcançar os seus objetivos artísticos.



CINEMA BRASILEIRO

Em «Cahiers du Cinema», revista francesa, extraímos a crítica que se segue; assinada por D. V. Transcrita por nós, mostrará aos nossos leitores, a interessante apreciação dêste crítico, sôbre o filme que tanto sucesso fêz e continua fazendo em telas brasileiras e européias:

«Êste filme foi, em Cannes, êste ano, a revelação do cinema brasileiro, como «Maria Candelária» foi, do cinema mexicano, em 1946. Violento, cruel e selvagem, «O Cangaceiro» é uma espécie de poema épico sôbre temas bem diferentes daqueles que são abordados pelo cinema mexicano e, entre outros, êste da «terra», noção muito particular e que nada tem a ver com a terra do camponês, escapando-nos totalmente. Há aí menos pesquisa estética, menos imagens cintilantes de esplendor estilo Figueroa - Fernandez, entretanto existe mais autenticidade. Esta narrativa das aventuras de um bando «fora da lei», que existiu realmente, e que fazia reinar o terror vinte anos atrás, dá-nos uma extraordinária e fascinante música ouvida no início e no fim do filme. É pena que uma intriga sentimental, sem sabor, comprometa a densidade da obra e, sobretudo, que Lima Barreto não tenha mais do que um conhecimento rudimentar do que seja roteiro. Seu filme é muito mal construído e muito mal montado. O encanto sobrevive estas fraquezas, devido a novidade do empreendimento, mas atenção para os próximos filmes: nós seremos mais sensíveis aos defeitos técnicos.»



Um curioso instantâneo de Anselmo Duarte que não renovou contrato com a Atlântida

★

Catalano, o cômico tão querido do público brasileiro, o «Cornélio» de «Êste mundo é um pandeiro», será o «Omelete», mexida internacional de malandro carioca, geólogo francês e malandro-geólogo em :O Petróleo é Nosso», que Watson Macedo está dirigindo.

★

Vanja Orico, a Maria Bonita de «O Cangaceiro», de Lima Barreto, e uma das intérpretes mais expressivas da nossa música, vai à Bahia, onde por certo travará contato com o que temos de mais expressivo em matéria de regionalismo. Seguirá, depois, para Moscou, à convite do govêrno russo.

★

July Joy e Fernando Pereira também atuarão em «Contrabando», filme que Mário Latini dirigirá.

★

Em «Coração sem Rumo», película cujas filmagens serão iniciadas brevemente sob a direção de Santos Mendes, terá entre os integrantes do elenco: Ana Bella, Rosano Rey, Altivo Diniz, Maria Helena e Pagé Carvalho. Nos principais papéis femininos a atriz portuguêsa Milita Del Pilar e a brasileira Thais Belini.



ENTREVISTAS DA SEMANA

JORGE ILELI

Fomos encontrá-lo nos estúdios da Flama. Apesar de jovem traz, consigo, um passado cinematográfico que o credencia como um dos valores da nova geração de cineastas. Iniciou-se como crítico do jornal «Diretrizes», em 1949. Foi, em seguida, assistente de direção de duas películas não concluídas: «Sonho de Outono» e «Aglaia». Pela co-direção de «Amei um Bicheiro», do qual foi também adaptador, dividiu com Paulo Vanderlei o prêmio de melhor direção que lhes coube no 1º Festival Cinematográfico do Rio de Janeiro. Durante dois profícuos meses exerceu funções de diretor da Cinegráfica São Luís, dando-nos atualidades brasileiras de bom nível, focalizando aspectos verdadeiramente interessantes da nossa cidade, dos nossos hábitos e das indústrias. É autor da idéia da película «Carnaval em Caxias» (em filmagem) e exerce a crítica na revista «Cigarra». Sua formação profissional é genuinamente brasileira. Não freqüentou escolas de cinema no estrangeiro. Leu muito e, principalmente, assistiu a filmes.

Sôbre o problema da realização no Brasil, e especialmente no Rio, lamenta Ileli a falta de coordenação, o uso e abuso do improviso, a precariedade de nossos estúdios, a falta de dinheiro, a indisciplina, auto suficiência, o que negam o sentido de equipe e fraternidade que deve existir sempre, e principalmente entre os profissionais, durante a confecção de um filme.

— «O orçamento, dentro do qual produzi «Carnaval em Caxias», é de cêrca de dois milhões de cruzeiros. Não cogitamos de mercado que não seja o nacional. Tampouco nada existe combinado entre a produtora e qualquer estúdio paulista, no sentido de uma realização em conjunto.

Perguntamos, ainda, a Jorge Ileli sôbre a reconstrução dos estúdios da Atlântida; lamenta êle o fato de não ter sido tomada qualquer iniciativa neste sentido e acredita que, caso o sr. Severiano Ribeiro Jr desejasse, teria a mais eficiente produtora do país. Jorge Ileli, que está radicado à produção por conveniência econômica, depois de «Carnaval em Caxias» realizará «Vidas em Jôgo», uma história policial de sua autoria, onde cinco dramas estão ligados por um crime

A Dança e a Imagem

ENQUANTO SE ATIVA A ORGANIZAÇÃO DO 3.º FESTIVAL MUNDIAL, OS RESULTADOS DOS ANTERIORES, DE ÊXITO SEMPRE IMPREVISIVEL SUGEREM UMA SÉRIE DE LEMBRANÇAS



O [illegible] «Caminhos da dança», lhe valeu o 1.º [illegible] internacional do gênero, ao lado de [illegible]

[illegible] de [illegible] por [illegible]. De passagem convem recordar que, no tocante ao 1.º Festival, "A dança

[illegible]



A única menção de honra do 2º Festival Mundial coube ao estranho e belo filme inglês, «O real e o abstrato», de Derrick Knight

através dos povos") se o idealismo frutificou foi graças ao apoio oficial. Realmente, seria impossível deixar de fazer justiça ao Ministro Simões Filho e Pedro Gouvea Filho, diretor do INCE. A compreensão de ambos foi amplamente recompensada. Durante longos meses, repetiam-se os espetáculos, gratuitos, lotando sempre o auditório do Ministério da Educação. Grande parte de interessados era movida pela curiosidade e outros, pelo culto da vida, apenas, por simples instinto de dança. Elencos e figuras célebres, que jamais haviam vindo ao país, passaram a ser aplaudidos. Para grande número de pessoas, a novidade transformou-se em prazer. Para outros que, até então, não se tinham disposto ou não podiam pagar os altos preços, cobrados pelas temporadas estrangeiras, a satisfação ainda foi maior.

Contudo, vale a pena frizar que, no 2.º Festival ("A Dança e a Imagem") que contou, no Rio, com o apoio da Comissão Artística do Teatro Municipal e patrocínio — simbólico apenas, porquanto os homenageados, Srs. Murilo Almeida dos Reis e Roberto Acioli apenas dispensaram o prestígio das suas colaborações — o êxito foi várias vêzes maior. Conforme todo o motivo que desperta grande interêsse — esgotou-se a lotação do Municipal, cêrca de uma semana antes — não faltou também a maldade humana, insuflando o boato de que a cenografia e vestiária, orquestra, etc., seriam custeados pela Prefeitura. Porém, o público, que aplaudiu, intensamente, a conjunção inaugural, de "ballet" no palco e nas imagens (o 2.º Festival Mundial) prorrompeu em aclamações ainda maiores quando o "speaker" oficial desmentiu uma mentira que havia partido de simples e desprezível inferioridade humana. O fato é que "A dança e a imagem" constituiu um enorme sucesso. Em São Paulo, o êxito foi ainda maior. Além das exibições oficiais, promovidas pelo Museu de Arte Moderna, para os inscritos no Festival, houve uma nova série, a fim de atender ao público. O mesmo e sadio entusiasmo se tem observado em Pôrto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Santos, Campinas, etc. e não faltam pedidos das cidades de Recife, Bahia e de vários pontos do norte a fim de serem conhecidos tantos conjuntos e expoentes de mérito internacional.

Agora, que está em franca organização o Terceiro Festival Mundial de realizações de dança clássica, mais ainda se observa, com a intensa curiosidade manifestada nos grandes centros do país, que a união da dança com as imagens estabeleceu um poderoso marco na história do cinema. Outra circunstância que fala a favor

(*Continua na pág. 34*)

DE TODO O MUNDO

(SERVIÇOS ESPECIAIS PARA «A CENA», COORDENADOS POR M.B.)



ITÁLIA

★ A Côrte de Apelação de Nápoles pronunciou sentença favorável a Totó, na ação que o ator intentara contra Marziano Lavarello, por difamação e calúnia. Êste último contestara o título de descendente do imperador de Bisâncio, que Totó alardeava depois das pesquisas que mandara realizar sôbre seus antepassados, reivindicando-o para si mesmo e acusando o ator de usurpação. A Côrte reconheceu que o título de Totó não era usurpado, mas legítimo; e condenou seu acusador a 18 meses de reclusão. O popular ator cômico italiano, portanto, poderá definitivamente fazer valer sua qualidade de príncipe de Bisâncio.

★ Durante a filmagem de "Leggrand jeu", que se realiza em co-produção ítalo-francesa e está sendo rodada na França, o diretor Robert Siodmak obrigou a linda Gina Lollobrigida a repetir vinte e cinco vêzes uma cena, em que a atriz aparece comendo um ôvo quente. Após o vigésimo quinto ôvo, a cena saiu a contento do diretor; mas a atriz começou a passar mal do estômago e a filmagem teve que ser interrompida, enquanto se mandava buscar na farmácia mais próxima um remédio que desafogasse o fígado da vítima de tantos ensaios.

Durante a filmagem de «Garôtas de luxo», da United, divertem-se Anna Maria Ferrero, Rosanna Podestá e Marine Vlady

★ O diretor italiano Oreste Palella está realizando atualmente, com o título de "Non vogliamo morire" (Não queremos morrer), um filme sôbre a tragédia de "Marie-Jeanne", lanchão que ficou navegando ao sabor dos ventos e das marés durante 76 dias no Oceano Indico e no qual encontraram a morte quatro homens e uma mulher. Intérpretes principais: Umberto Spadaro, Folco Lulli, Alfredo Varella, John Kitzmiller, Gianni Cavalieri, a atriz espanhola Aurora de Alba e o menino Paolo Benni, no papel do único sobrevivente da catástrofe.

★ "Femmina", o filme que Heddy Lamarr interpreta na Itália para a Antares Film, de Roma, será realizado por três diferentes diretores, cada um dêles tendo a seu cargo um dos três episódios que compõe a película. Edgar Ulmer, que já concluiu sua filmagem, é o responsável do episódio em que a famosa Heddy aparecerá como Genoveva de Brabante. Marc Allégret, que chegou recentemente a Roma, a dirigirá no episódio em que ela será Elena de Tróia. Ainda não foi escolhido o diretor do episódio que a apresentará como Josefina Beauharnais, a primeira espôsa de Napoleão. A película está sendo filmada em tecnicolor.

SUÍÇA

★ Foi desmentida a notícia de proveniência americana segundo a qual o próximo filme de Charles Chaplin seria uma sátira do ambiente político dos Estados Unidos e em particular do senador Mac Carthy. Foi o secretário do ator que entregou o desmentido à imprensa. E' certo entretanto, que Chaplin já está preparando seu próximo filme, mas prefere manter segrêdo sôbre o assunto que abordará. Dizem que êle tem intenção de transpor à tela "La folle de Chaillot", de Giraudoux, cujos direitos já teria adquirido, e que convidaria Greta Garbo para interpretar a seu lado o principal papel feminino da película.

★ O diretor francês Julien Duvivier iníciou na Suíça a filmagem de "O caso Maurizius", tirado do famoso romance do escritor germânico Jacob Wasserman. O "cast" reúne alguns dos mais conhecidos nomes do cinema internacional: Madeleine Robinson, Daniel Gélin, Charles Vanel e Denis D'Ines (franceses); Eleonora Rossi Drago (italiana) e o inglês naturalizado Anton Walbrook.



No primeiro filme de Vittorio Gassman para a Columbia, sua espôsa, Shelley Winters, faz questão de tratá-lo bem, com carinhos e doces, nos intervalos das filmagens.



Em pitorescos cenários do Canadá, a 20th. C. Fox roda, no processo Cinemascope. Acima, Rory Calhoun e sua espôsa, Lita Baron descansam do trabalho diário. O filme inclui os nomes de Marilyn Monroe e Robert Mitchum.

★ A vida dos montanheses será descrita minuciosamente num filme que Walt Disney pretende em breve produzir. Para escolher os locais de filmagem, êle se instalou em Zermatt, por uma dezena de dias. A película será realizada por um diretor suiço.

U. R. S. S.

★ Um novo sistema aperfeiçoado do engenheiro russo Pedro Novitzky permite a projeção de filmes à luz do dia. O processo consiste de um grande espelho no qual se refletem as imagens projetadas numa tela situada numa câmara escura. A clareza da projeção, superior à conseguida nas salas de projeção normais, se ajunta um efeito estereoscópico, sem contar tôdas as vantagens que oferece a possibilidade de projetar um filme à luz do dia e ao ar livre.

ESTADOS UNIDOS

★ A Metro está preparando um filme sôbre Degas, já tendo adquirido para isso os

(Cont. na página 34)

GRÁTIS



O maravilhoso romance
da insigne escritora
DAPHNE DU MAURIER

MINHA PRIMA RAQUEL

A mais aplaudida obra
da famosa autora de
"REBECA" e "OS PARASITAS"

Juntamente com a SELEÇÃO DE DEZEMBRO

INSCREVA-SE HOJE MESMO NO *Livro do Mês*, E

ÊSTES DOIS MAGNÍFICOS LIVROS SERÃO SEUS.



Centenas de livros são editados anualmente. É humanamente impossível ler todos e muito difícel escolher os melhores. "Livro do Mês" lhe presta êsse serviço, selecionando mensalmente a melhor obra publicada.

Adquirindo sòmente o mínimo de quatro livros por ano, V. S. gozará das enormes vantagens que sua inscrição em "Livro do Mês" representa: receberá um magnífico livro-prêmio, completamente grátis, junto com a primeira seleção que adquirir e mais outro livro-dividendo, *também grátis*, para cada grupo de seis seleções. Receberá ainda o Boletim bimestral que o informará de nossas seleções. Não há taxa de inscrição, jóia ou quaisquer outras despesas adicionais.

Milhares de associados plenamente satisfeitos são a melhor prova da excelência de nosso plano e de nossas seleções.



DAPHNE DU MAURIER
reuniu neste livro seis excelentes novelas de grande valor literário e cujos títulos damos em seguida:

- ✶ BEIJA-ME OUTRA VEZ, DESCONHECIDO
- ✶ MONTE VERITÁ
- ✶ AS AVES
- ✶ A MACIEIRA
- ✶ O PEQUENO FOTÓGRAFO
- ✶ O VELHO

INSCREVA-SE VOCÊ TAMBÉM, REMETENDO-NOS HOJE MESMO ÊSTE CUPOM

GRÁTIS: "MINHA PRIMA RAQUEL"

LIVRO DO MÊS
- São Paulo — Rua 7 de Abril, 34 — 3.º
- Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 140
- Pôrto Alegre — Rua dos Andradas, 991

Queiram inscrever-me como sócio do "Livro do Mês" e enviar-me ABSOLUTAMENTE GRÁTIS, como prêmio, o livro indicado no espaço acima, juntamente com a seleção do mês "BEIJA-ME OUTRA VEZ, DESCONHECIDO" pela importância de Cr$ 75,00.

Vv. Ss. me remeterão, também GRÁTIS, um livro-dividendo para cada grupo de seis seleções que venha a adquirir. Estou ciente de que me enviarão regularmente a Seleção Mensal, a menos que ordene antecipadamente o contrário, e de que meu único compromisso consiste em comprar um mínimo de quatro livros dentre os apresentados nos doze primeiros meses.

Os livros deverão ser remetidos para: ______

Nome .... Fone ....

Rua e N.º ....

Cidade .... Estado ....

PRÉ-ESTRÉIAS

5 — SENHORITA JÚLIA

O conteúdo estuda o amor material. Descreve o quando é fugaz êste rumo. Afinal, simples caprichos as atrações que têm o seu apoio no físico. Fenecem, ràpidamente, da mesma maneira com que despontam. O que perdura é a insatisfação, o vazio. Por vêzes, é um simples atordoamento: tanto envolve quanto desgraça. E esta é a síntese da que ocorre nesta célebre peça teatral, de August Strindberg. Já o conhecíamos do palco e, sem dúvida, foi transposta em excepcionais imagens. E' possível discordar da tese dc filme. Trata de um problema de sexo, apenas em sentido pessimista. A transposição busca, entretanto, a realidade. Segue um honesto caminho, pois não se apóia em inúteis desvirtuações. No roteiro e nas imagens, a idéia partiu de expor tudo como uma imprevista queda da personagem central. Com êste fim, desde o início, surge um ritmo de movimento cênico, sem dúvida, excepcional. Entretanto, o pensamento não foi exposto com o intento de fugir ao teatro ou, apenas, preparar a atmosfera para os acontecimentos. O mérito essencial dêste belo trabalho do cinema sueco é que tudo está sàbiamente ligado ao rumo psicológico. Poucas vêzes o cinema tem descrito, com tanta propriedade, uma agitação interior. Há uma série de originalidades na adaptação, particularmente em diversos retrospectos que surgem com o desenrolar da película. Desta maneira, obteve-se que o espectador participe da desorientação da heroína.

O diretor Alf Sjoberg deu à Suécia o melhor filme dêste país, nos últimos anos. A sua experiência de palco foi aproveitada apenas para transmitir o espírito da peça — uma ironia social em volta de paixões ligadas à matéria. No mais, a verdadeira fôrça do cinema domina sempre. Há uma atmosfera inquietante, jogada entre a realidade dos acontecimentos e a irrealidade do mundo em que pactuavam as personagens. O ajuste entre os diversos componentes do conjunto representa algo de impressionante. Os «decores» são invulgarmente aproveitados na composição das cenas. Entretanto, não é menor o congrassamento com a fotografia. Goran Strindberg, que também foi o fotógrafo de outro filme de Sjoberg, «Tortura de um desejo», acompanhou tôda a vertigem interior do drama, em sugestões luminosas de difícil expressão. O equilíbrio da partitura composta por Dag Wiren, significa um outro elo precioso. A protagonista da célebre peça passa por várias quedas e busca uma alternância entre o passado e o presente. E é precisamente aí que o conjunto alcança um raríssimo clima de envolvimento. Todos os fatôres são precisos. Encontramos um ritmo que pode ser considerado perfeito. Em geral, as regras têm exceção. Muito embora a peça de August Strindberg não cumpra um dos dictamens que se devem exigir para os filmes máximos, porquanto não constrói, é imensamente poderosa a forma cinematográfica. Caem por terra as restrições ao conteúdo, porquanto se trata de obra de arte que, embora forte, não se perde em excessos.



Anita Bjork, a «estrêla» do grande filme sueco.

Os desempenhos foram orientados de forma bastante sutil, a fim de a unidade ser mantida com equilíbrio. A heroína Anita Bjork, agradou tanto na Europa que chegou a ser comparada com Falconetti. Não iremos tão longe. A outra atriz foi simplesmente genial e esta jovem atriz sueca embora admirável, tem a seu favor, no filme, um tipo físico e psicológico perfeitamente ajustado.. Necessário se torne revê-la em outras participações. Inesquecível composição de Ulf Palme, o papel do mordomo que domina fisicamente a aristocrática figura da jovem filha de um conde. São pequenos os demais papéis mas sempre é bom destacar dois: o do conde (Anders Henrikson) e a da serviçal companheira do mordomo.

Rádio

MARIA HELENA

★ Se deseja ouvir a sua música predileta ou oferecer um presente musical à pessoa de suas relações, escreva para a Rádio Guanabara e ouça o seu pedido em «Peça a sua música», que a PRC-8 apresenta, diàriamente, de segunda a sábado, das 11,30 às 12 horas.

★ «Encontro às cinco», um dos programas veteranos da Rádio Globo, é dirigido àqueles que apreciam a música portenha. Transmitido diàriamente às 17,05 horas, êste programa está a cargo de Antônio Requião.

★ A última edição dos jornais falados da Rádio Globo vai ao ar no horário de 23,30 horas. Resenha de todos os acontecimentos das últimas 24 horas, êsse noticiário se prolonga por 30 minutos.

★ Tôdas as manhãs, das 7,30 às 8,30 horas, Válter Ribeiro apresenta, ao microfone da Rádio Guanabara, «Parada Leopoldinense», um programa com as mais recentes atrações musicais e dedicado ao povo dos subúrbios leopoldinenses.

★ «França Eterna», um programa dedicado à música e à cultura francesa, estará no ar às 21,30 horas na série «Ao Redor do Mundo», da Rádio Ministério da Educação.

★ «Conheça os estilos musicais» focaliza as composições musicais mais representativas de cada época e é um programa da Rádio Ministério da Educação, que vai ao ar tôdas as segundas feiras às 22 horas.

★ Caiu na Câmara o projeto que definitivamente declarou revogados os decretos da ditadura contrária à liberdade de manifestação do pensamento através do Rádio.

★ Manoel Monteiro, lançador de «Uma casa portuguêsa», apresentou-se na TV-Tupi no «Show Regina».

★ As sextas-feiras, às vinte e uma e trinta, a Rádio Tupi entra em cadeia com a PRK-30 de Lauro Borges e Castro Barbosa.

★ Diàriamente, às vinte e trinta horas, a Rádio Roquete Pinto irradia «Atividades da Prefeitura».

★ Organizado por Heitor Alimonda, a Rádio Ministério da Educação transmite tôdas as sextas feiras, às 21,15 horas, «Ciclo de Recitais da PRA-2», com os vencedores do «Recital concurso de 1953».

Sílvio Caldas, que gravou «Valsa do Natal»



DISCOS-NOVIDADES

EDEL NEY

Mais uma vez a Copacabana reuniu o cômico do cinema, teatro e rádio, Colé e a sambista Carmen Costa. Como se sabe, esta dupla venceu, no ano passado, com a discutida «Cachaça». No ano vindouro se apresentarão com as marchas «Tio Biruta» e «Mexerica». A primeira é de A. Mendonça, N. Silva e Aldacir Louro. A segunda, de Mirabeau e Colé. A nosso ver, essa última reúne maiores possibilidades.

★

Felisberto Martins pretende fazer uma gravação tôda original com o samba «Benvindos, amigos», uma saudação em vários idiomas aos turistas que visitarão São Paulo, por ocasião das comemorações do seu IV Centenário. Até agora, ainda não foi escolhido o intérprete.

★

Wilson Roberto, uma das mais populares vozes de São Paulo, estreou, no dia 6 de dezembro, ao microfone da Tupi carioca. Wilson, que é um dos campeões da Victor, também gravou os sambas «Vida de cachorro» e «Vai com Deus», êsse último, um dos mais fortes números que já ouvimos para Momo.

★

Finalmente, na sua nova fábrica, na Columbia, Zilá Fonseca gravará o baião «Lá vem a chuva», um dos mais interessantes números de seu repertório.

★

Já se assegura, como êxitos do após-carnaval, (para os compositores o carnaval já é coisa morta) o samba «Clube de Fãs», com Ademilde Fonseca; o samba-mambo «Um lugar ao sol», com Emilinha Borba; o «Baião em Israel», com Gilda Barros e, possìvelmente, com Alencar Terra; finalmente, o samba-canção «Cinelândia», já em poder de Francisco Carlos.

Gilberto Alves



NOSSA PARADA DE SUCESSOS

Segundo as mais recentes estatísticas, os discos mais vendidos ùltimamente são: «Forró em Limoeiro» (Jackson do Pandeiro) e «Vida da bailarina» (Angela Maria), da Copacabana; «Lili» (Trio Madrigal), da Continental; «Natal sem você» (Orlando Correia), da Todamérica; «S. Paulo quatrocentão» (Garôto), da Odeon; e, finalmente, «Quarto Centenário» (Mário Zan), da Victor.

★

Entre as músicas que aguardam oportunidade para entrar nas Paradas de Sucesso destacam-se: «Valsa do Natal», com Orlando Silva (Copacabana) e «Mãos Ciganas», com Edson Lopes (Odeon).

TEATRO

O. DE OLIVEIRA

● «Mayá» é a comédia que Marlene e Luís Delfino estão apresentando no Rival.

● De S. Paulo diz-se que «É proibido suicidar-se na Primavera» é o melhor espetáculo apresentado até hoje pelo teatrinho íntimo de Nicette Bruno.

● Angelita Silva, uma das animadoras do Teatro do Estudante do Pará, está no Rio.

● Por iniciativa da direção social do Botafogo de Futebol e Regatas foi levada à cena a peça de Juraci Camargo, «Deus lhe Pague».

● Sérgio Cardoso, tão nosso conhecido e que tanto sucesso fizera no teatro, aderiu ao cinema, e fêz, com sua espôsa Nídia Lícia, uma película para a Hélios Filme.

● Prosseguem os preparativos do Teatro Experimental do Negro para a realização, numa segunda feira do próximo mês, no Teatro Dulcina, do Festival O'Neill, em homenagem à memória do grande ator dramático norte-americano recentemente desaparecido. O diretor Abdias do Nascimento selecionou os trechos mais significativos das peças «O Imperador Jones», e «Todos os filhos de Deus têm asas», para serem mostrados em espetáculo único, inclusive com o drama «Onde está marcada a cruz». No elenco figuram Léia Garcia, que na recente temporada do T.E.N., em São Paulo, impressionou o público do teatro e da televisão; Orlando Macedo, já conhecido das platéias cariocas por suas interpretações no grupo «Os Quixotes» e na «Cia. Dramática Nacional»; Fredman, um lançamento novo; Jorge Aguiar, que se desincumbirá do papel «Feiticeiro do Congo»; e Abdias do Nascimento será, além de diretor, o «Imperador».

● Eva Todor reaparece, no Serrador, para uma temporada relâmpago de 30 dias com «A Costela de Adão».

● Villaret terminou suas aparições pelos teatros e «boites» cariocas retornando a Portugal por alguns meses.

● No Teatro Duse continua a safra de novos autores e diretores nacionais. Desta vez «Declive», original de Etelvina Felício dos Santos Zanarini. Direção de Saliro de Oliveira.

● José Jansen acaba de publicar, na coleção «Dyonisius», do Ministério da Educação e Cultura, um interessante estudo sôbre «Apolônia Pinto e seu tempo».



Nicette Bruno está noiva do seu galã em várias peças: Paulo Goulart.

TEATRO NO MUNDO

Grã-Bretanha

● Graham Greene, cuja primeira peça, «The Living Room», vem sendo desde meses o maior sucesso do teatro de Londres, parece ter resolvido introduzir a religião no palco inglês. Isto sem falar das peças de Elliot, que pertencem, aliás, a uma classe a parte.

CINE-RESPOSTAS

(Tôda a correspondência para esta secção deverá ser dirigida a Rovland, Cine-Respostas)

★ **MARIA DA GLÓRIA ARAÚJO, MARIA TERESA, IDALINA SILVA, ARAIR NAZARETH (Rio)** — Confirmamos a promessa feita por Luís Fernandes. Muito brevemente serão atendidas e gratos.

★ **JOÃO GOULART DE OLIVEIRA** — A maioria dos leitores de A CENA aplaudiu o novo formato. Agradecemos o seu sadio interêsse e lembre-se do velho ditado: «Tamanho não é documento». Infelizmente, só é possível responder através de «Cine-Respostas». Seria prejudicial qualquer exceção.

★ **VILMAR GUTERRES DO PRADO (Campo Grande, Mato Grosso)** — Aconselhamos a ler, no próximo número, a reportagem sôbre a crise no cinema paulista e, em particular da Vera Cruz. Todos sabemos de que será passageira e tudo se ajustará. Aconselhamos, no momento, a nada tentar e guardamos o retrato, para qualquer eventual oportunidade.

★ **R. ANTUNES (Londrina)** — Conforme já deve ter observado, foi restabelecida a secção de crítica de filmes. Difícil publicar o retrato do diretor e do produtor de cada filme descrito. Da maior parte jamais haverá boas fotografias. Em geral, deixam-se fotografar muito raramente, daí a impossibilidade geral. A capa de Jeanne Crain depende de foto de classe e inédita. Já passou a fazer parte da lista mas, certamente, demorará um pouco. O questionário é muito boa idéia mas temos uma outra, para um concurso, que possìvelmente interessará mais.

★ **CARLOS MAXIMIANO MOTA (São Paulo)** — Vai ser publicada a sua crônica Envie, por gentileza, o seu endereço de São Paulo.

★ **JOSÉ VILLA BARRO (Havana)** — A CENA não tem coleção completa para vender. Quanto à representação das produtoras seria conveniente escrever diretamente.

ROVLAND

TODO MUNDO LÊ!

MANUAIS DE EDUCAÇÃO SEXUAL

87	PARA LIMITAR OS FILHOS	20,00
67	ESTIMULANTES SEXUAIS	15,00
5	GUIA INTIMO DA SEXUALIDADE	15,00
4	COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS	15,00
6	VIGOR SEXUAL	20,00
18	COMO EVITAR A SOLIDAO AMOROSA	15,00
95	ANORMALIDADES SEXUAIS	20,00
164	TESTES DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE	15,00
125	PRATICAS SEXUAIS NO MATRIMONIO	20,00
126	PSICOSSEXUALIDADE	20,00
127	HABITOS SEXUAIS DO HOMEM	20,00
145	VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL	20,00
3	A FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO	15,00
7	DICIONARIO MODERNO DO SEXO E DO AMOR	15,00
66	PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS	15,00
130	SEXO E PSICANALISE	20,00
91	ESTUDOS SOBRE O AMOR E O SEXO	15,00
92	A CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL	15,00
166	A EDUCACAO SEXUAL DOS FILHOS	20,00
174	MANUAL DA VIDA SEXUAL	20,00
160	ENFERMIDADES SEXUAIS	20,00
191	A CURA DA IMPOTENCIA SEXUAL	20,00



OS MELHORES ROMANCES DO MUNDO (Cr$ 10.00 cada)

179 - SIENKIEWICZ - QUO VADIS
181 - WILDE - O RETRATO DE DORIAN GRAY
184 - DUPLO ASSASSINATO DA RUA MORGUE
210 - VICTOR HUGO - O HOMEM QUE RI
218 - TOLSTOI - ANA KARENINA
222 - JOSE DE ALENCAR - IRACEMA
224 - JOSE DE ALENCAR - UBIRAJARA
227 - MANUEL MACEDO - A MORENINHA
229 - DUMAS - A DAMA DAS CAMELIAS
240 - GUIMARAES - A ESCRAVA ISAURA
249 - OHNET - O GRANDE INDUSTRIAL
250 - PREVOST - MANON LESCAUT
251 - DUMAS - A MAO DO FINADO
252 - STEVENSON - A ILHA DO TESOURO
254 - SAINT-PIERRE - PAULO E VIRGINIA
265 - AUSTEN - ORGULHO E PRECONCEITO
266 - BRONTE - MORRO DOS VENTOS Uivantes
269 - EMILE ZOLA - TEREZA RAQUIN
270 - BALZAC - A MULHER DE TRINTA ANOS
284 - RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS
245 - DOSTOIEWSKY - O JOGADOR
285 - A VIUVA ALEGRE (ROMANCE)
228 - MANUEL MACEDO - O MOÇO LOIRO
223 - DUMAS - O CONDE DE MONTE CRISTO
207 - DOSTOIEWSKI - CRIME E CASTIGO

ATENÇÃO! — ACEITAMOS AGENTES PARTICULARES NO INTERIOR!

ROMANCES MARAVILHOSOS DA COLEÇÃO "AMOUR-AMOUR" — Cr$ 10.00 cada

F1 - M. DELLY - SONHO DE AMOR
F2 - WANDA BONTÀ - OLHOS SOMBREADOS
F3 - HENRI ARDEL - MULHER E NADA MAIS
F4 - C. BRAME - O SEGREDO DE SUA VIDA
F5 - C. BRAME - ROSA DE JUNHO
F6 - C. BRAME - O AMOR ENTRE AS FLORES
F7 - M. MARYAN - DO ODIO AO AMOR
F8 - CHANTEPLEURE - MEU GRANDE AMOR
F9 - M. DEZIT - O SEGREDO DE SONIA

SELEÇÃO "PARA A MULHER" — Cr$ 15,00 cada

272 - GUIA DE BÔLSO PARA CRIAR O BEBE
236 - METODO DE CORTE E COSTURA s/mestre
156 - ASSIM SE EMAGRECE COMENDO
149 - REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL
161 - CONQUISTE AMIZADES p/SIMPATIA
193 - DICIONARIO DE NOMES PROPRIOS
197 - HOROSCOPOS PARA TODOS
199 - HOMEOPATIA PARA TODOS
213 - O CASAMENTO E SUAS FORMALIDADES
220 - LIVRO DE BOLSO p/ENFERMEIROS
244 - TECNICA DE INJEÇÕES E CURATIVOS

LIVROS DE COZINHA — Cr$ 10.00 cada

83 - A COZINHA ITALIANA
85 - A ARTE DE FAZER DOCES
86 - A COZINHA NORTISTA
79 - A COZINHA FRANCESA
221 - PRATOS ECONOMICOS E SABOROSOS



A MARAVILHOSA "COLEÇÃO PERERECA" — LIVROS ILUSTRADOS A CÔRES (Cada um a Cr$ 6.00)

P - 1 - ABC - CARTILHA INFANTIL
P - 2 - O SONHO DE TOQUINHO
P - 3 - O GATINHO PERDIDO
P - 4 - QUICA - A MACAQUINHA
P - 5 - OS PINTINHOS CONVENCIDOS
P - 6 - ENFRENTANDO O PERIGO
P - 7 - A PEQUENA COSTUREIRA
P - 8 - AS BARBAS DE PAPAI NOEL
P - 9 - AS INVENÇÕES DO GASPARINHO
P - 10 - JONKO - O MAGICO DOS BICHOS
P - 11 - TARECO E O AUTOMOVEL
P - 12 - PIPOCA - BONECO MARAVILHOSO
P - 13 - ENTRE AS ESTRELAS
P - 14 - O ESTOURO DOS SACIS
P - 15 - A PEQUENA DONA DE CASA
P - 16 - INESPERADA GLÓRIA
P - 17 - NO REINO DAS CORES
P - 18 - A ESPADA MAGICA
P - 19 - NO MUNDO DOS ANIMAIS
P - 20 - AS DUAS NOITES DE NATAL
P - 21 - CACHITO
P - 22 - O CACHIMBO DO SACI
P - 23 - UMA AVENTURA NA FLORESTA
P - 24 - BARTOLO — O BONECO
P - 25 - O "MAO DE AÇO"



NAS BANCAS DE JORNAIS
PROCURE TODOS OS MESES
o COCKTAIL de PALAVRAS CRUZADAS
SELEÇÕES DAS MAIS INTERESSANTES
a COLEÇÃO AMOUR-AMOUR
DELICIOSOS ROMANCES PARA A MULHER
a COLEÇÃO PERERECA
MARAVILHOSAS HISTORIAS ILUSTRADAS P/CRIANÇAS

LIVROS ÚTEIS PARA TODOS — Cr$ 15.00 cada

90 - CARTAS-MODELO p/TODOS OS FINS - 1.º
257 - CARTAS-MODELO p/TODOS OS FINS - 2.º
20 - SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR
162 - FORMULARIO CORRESPONDENCIA Social
237 - GUIA DE REDAÇAO OFICIAL
36 - MANUAL DO MOTORISTA
138 - ENGUIÇOS DE AUTOMOVEL
141 - APRENDA A DIRIGIR SEM MESTRE
188 - GUIA DO MECANICO DE AUTOMOVEL
192 - 1001 INFORMAÇÕES UTEIS - 1.º VOL.
247 - 1001 INFORMAÇÕES UTEIS - 2.º VOL.
233 - FOTOGRAFIA PARA PRINCIPIANTES
129 - JIU-JITSU SEM MESTRE
170 - APRENDA A DANÇAR SEM MESTRE
27 - FALE E ESCREVA CORRETAMENTE
26 - ERROS DE PORTUGUES E S/CORREÇÕES
96 - DATILOGRAFIA SEM MESTRE
122 - DISCURSOS PARA TODAS AS OCASIÕES
168 - A ORTOGRAFIA CORRETA
171 - APRENDA A FAZER VERSOS
183 - CONSTROI A TUA PERSONALIDADE
186 - VOCE SABE CONVERSAR?
209 - E FACIL GANHAR DINHEIRO
242 - DICIONARIO DE SINONIMOS
253 - LEIS TRABALHISTAS SIMPLIFICADAS
246 - APRENDA A FOTOGRAFAR
190 - REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL
182 - REGRAS PARA VENCER NA VIDA
158 - APRENDA A FAZER MAGICAS
219 - 500 TESTES DE PORTUGUES
51 - REGRAS PARA JOGOS DE CARTAS
153 - FORMULAS PARA GANHAR DINHEIRO
214 - TENHA SANGUE FRIO
230 - COMO SE FIZERAM AS Grandes Fortunas
13 - COMO LER OS PENSAMENTOS
69 - TIRA DUVIDAS DE PORTUGUES
234 - MANUAL DO FOTOGRAFO AMADOR

1 LIVRO GRÁTIS PARA OS PEDIDOS ACIMA DE 10 LIVROS

VENDAS:

RIO:
AV. RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO:
RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE:
RUA DA BAHIA, 884

SALVADOR:
PRAÇA DA SÉ, 20 e 22

RECIFE:
RUA DA PALMA - LOJA - 6

E TAMBÉM: em tôdas as "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS em todo o Brasil.

INTERIOR:
PEÇA PELO **REEMBÔLSO POSTAL.**
ENVIANDO SEU PEDIDO, PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S/A

Avenida Rio Branco, 25 — Dep. 12-B — Rio de Janeiro
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL os livros, cujos nomes indico abaixo:

....
....
....
....
....
....

NAO MANDE DINHEIRO OU SELOS. NADA ADIANTADO.
Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00, há aumento de 10%.
(Não temos catálogos)

NOME ....
RUA ....
LOCALIDADE ....
ESTADO ....

PÁGINA DO LEITOR

Semanalmente, A CENA publicará na íntegra, as melhores colaborações enviadas. Para maior estímulo, e desde que venham em têrmos, de todos os restantes trabalhos serão aproveitados alguns trechos. Há necessidade de que os originais sejam escritos a máquina (espaço dois) e não excedam de página e meia. Não há compromisso das publicações `manuscritas e, se assim ocorrer, será, invariàvelmente, apenas de um ligeiro período. Não haverá devoluções de trabalhos nem prêmios em dinheiro e, sim, pequenas lembranças no final do ano de 1954, para os dois mais destacados colaboradores. Desta maneira, estimula-se o aproveitamento de valores que, eventualmente, poderão pleitear o seu concurso em órgãos da imprensa. Tôda a correspondência da seção deverá ser endereçada a «LONG-SHOT», «Página do Leitor».

ONDE ESTÁ O TALENTO?

Não sei quem foi que descobriu o talento de Agustin Lara para o cinema. Ignoro mesmo porque os produtores mexicanos insistem em apresentar o referido ator em diversos filmes, quando sabemos que o compositor de «Granada», afora a sua personalidade como musicista, nada tem para ser «astro» da tela. Só mesmo a cinematografia mexicana seria capaz de semelhante absurdo. Glorificar, como ator, um homem que, no cinema, é apenas ridicularizado pelas platéias. Pois não encontrei em Agustin Lara o tipo cinematográfico requerido pelos seus papéis em todos os «dramalhões» aztecas.

O mais interessante é que o conhecido compositor parece integrado na cinematografia do seu país, sempre aparecendo em celulóides de ínfima categoria, como já é de praxe do cinema do México.

Não sou contra o autor de tantas obras-primas da música popular. Admiro mesmo a sua inigualável inspiração, como criador de belas e românticas melodias.

Contudo, sua presença nas telas dos cinemas tem sido um verdadeiro suplício para os amantes da sétima arte. Não pela sua deformidade física; um artista verdadeiro é aquêle que interpreta seu papel com a alma, e não com o físico.

No caso de Agustin Lara, a sua nulidade como ator é o que mais irrita os espectadores. Se os cineastas mexicanos quiseram aproveitar a sua popularidade, que não se pode negar, é um fato, então cometeram um grande êrro. O compositor famoso, de tão belos «boleros», em seus desempenhos falhados, conseguiu sòmente tornar-se uma figura grotesca perante o público, não correspondendo nunca à sua posição de músico de renome internacional.

Quando ainda aparecia com a sua orquestra, interpretando alguns números musicais, o criador de «Maria Bonita» era tolerável no «écran». Esta sim, devia ser a sua situação no ambiente cinematográfico do seu país.

Mas agora, que foi descoberto o seu talento para a tela, tem sido um martírio para todos aquêles que freqüentam os cinemas em busca de diversões, visto que as fitas aztecas por si só já, em geral, não satisfazem muito.

Imaginem têrmos de suportar as «grandes interpretações» de Agustin Lara quando, até, já estamos fartos dos «requebros pecaminosos» de Ninon Sevilla.

Geraldo Edson

VIRGÍNIA LANE

Virgínia Lane iniciou sua carreira artística como cantora-dançarina dos esplendorosos «shows» do Cassino da Urca, há tempos. Mercê de seu valor, subiu depressa no conceito dos empresários e do público, constituindo-se uma das principais atrações daqueles «shows». Tomou parte em «Vem, a Bahia te espera», «Sonho de Circo» e outros, ao lado de artistas como Grande Otelo, Linda Batista, Fernando Borel, Ilona Massey, Pedro Vargas, etc.

Contratada pela Rádio Nacional, realizou vitoriosa temporada neste microfone, efetuando, depois, duas excursões a Argentina, onde cantou nas principais emissoras e «boites» de Buenos Aires. Na primeira temporada em terras portenhas teve oportunidade de interpretar o filme «Desejo», obtendo um triunfo artístico.

De volta ao Brasil, retomou seu lugar destacado, nas estações de rádio e nos cassinos, até que, lançada por Chianca de Garcia, tornou-se uma das principais «vedettes» de nosso teatro de revistas, sendo cognominada «A Rainha da Malícia». São incontáveis seus êxitos neste gênero, bastando citar as revistas «Um Milhão de Mulheres», «O Rei do Samba», «Beijos, Abraços e Amor», «Leilão de Garôtas», e «O Mundo em Cuecas», com os artistas Colé, Grande Otelo, Válter Dávila, Silva Filho, Salomé Parísio, Edson Lopes, Alberto Ribeiro e Luísa Barreto Leite entre muitos outros, na companhia de Chianca de Garcia.

Em 1952 foi coroada «Rainha das Atrizes», ingressando, a seguir, no elenco de Válter Pinto em «Está com tudo e não está prosa», com Oscarito, Mara Rúbia, Grande Otelo e Violeta Ferraz. Atuou, também, no Teatro Follies em «Tout vá tres bien» e «O.K. Baby» e outras « revuettes », e «Alvorada» na «boite» «Nigth and Day». Obeteve novos sucessos ao microfone da Rádio Nacional e verdadeiros «records» na venda de discos, com «Sassaricando» um dos maiores êxitos dos carnavais passados, e ainda com «Santo Antônio Casamenteiro», « Balão », «Cadê Ritinha?», «Fiau-fiau», «Lá vem a Cobra Grande», «Barracão», «Barnabé», «Saca o pão», «Vai Levando», «Morro» e «Primavera», entre outras gravações.

Por último, dedicou-se ao cinema brasileiro, aparecendo como «estrêla» (papel-título) de «Anjo do lôdo», da Cinédia, com Cláudio Noneli e Manoel Vieira, e como cantora em « Tudo Azul », com Marlene, Luís Delfino e Laura Suarez, «É fogo na roupa», com Heloísa Helena, Bené Nunes e Ankito, «Está com tudo», ao lado de Mesquitinha, Mary Gonçalves e Ronaldo Lupo, e «O petróleo é nosso» (ou «Pegando Fogo), com Mary Gonçalves, Catalano e Violeta Ferraz.

Virgínia Lane é, hoje em dia, uma artista, quer dançando, quer cantando em vários idiomas, atuando em teatros e «boites», cinema ou televisão, rádios ou discos, definitivamente consagrada pelo público e pela crítica, fazendo jus ao seu título de «Rainha das Atrizes». Há a registrar, ainda, o seu recente casamento com Sérgio Kroeff, um êxito social e artístico.

Araken Júnior

NINGUÉM É A MAIOR

«Como o nosso rádio está rico em matéria de cantoras! E gente de valor meus amigos. Cada qual dentro do seu gênero, porém, tôdas brilhando igualmente em nossos microfones porque possuem talento e personalidade. Se o rádio, à moda do cinema oferecesse «Oscars», creio que Dircinha Batista seria a maior consumidora dêste ambicionado prêmio. Acho, entretanto, que é nosso dever aplaudir a tôdas cantoras. O fato de apreciarmos a boa música obriga-nos a sermos fãs de tôdas as nossas grandes intérpretes.»

Cícero Lopes
(Lages — Sta. Catarina)

A MULHER MÁ DO RÁDIO É MÃE ESTREMOSA

«Com o estrondoso sucesso da novela de Felix Caignet, os intérpretes de rádio-teatro ficaram tão populares quanto os cantores da emissora de Vitor Costa. Os atores que desempenham papéis de gente má, dificilmente encontram fãs que aplaudam o seu talento. É o caso de Talita de Miranda que tem sido vítima de muitos aborrecimentos, pelo motivo de vir há alguns anos interpretando a «outra» da vida dos maridos das ingênuas. Talita de Miranda foi a comentada Graziela Garcia de «O direito de nascer.»

Cícero Lopes
(Lages — Sta. Catarina)

«O cinema brasileiro nos últimos anos vem demonstrando suas possibilidades futuras. Depois que « O Cangaceiro » recebeu, com mérito ou não o prêmio de filme de aventura do Festival de Veneza, seguiu-se «Sinhá Moça», na minha opinião, melhor que o primeiro. A Multifilmes mostrou-nos «O Homem dos Papagaios», que é uma divertida comédia. A Atlântida não fica para trás com «Os três recrutas», uma comédia alegre. Não poderíamos dizer tratar-se de um filme de alta classe, não é entretanto aborrecido e confuso.»

Dr. Marco
(Rio)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME ....

RUA .... Nº. .....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Os melhores do ano...

(Continuação da pág. 7)

gem de amor que Renoir envia ao nosso mundo cada vez mais caótico e perverso. A película é um hino à infância fugaz, e um ato de amor à Índia. Pois como Renoir declarou, êle primeiro se apaixonou pelo romance de Rumer Godden, e depois pela Índia, quando veio a conhecê-la e compreendeu que o amor da obra de Godden ia não apenas à infância, mas se estendia também àquela grande nação. O filme é simples e intenso, como a vida. É a história de uma família de inglêses residentes na Índia, de uma adolescente romântica que encontra o amor na pessoa de um inválido da guerra. O filme apresenta igualmente um pouco da rica tradição indiana e um colorido magnífico.

"Moulin Rouge", como biografia falsa do grande pintor francês Henri de Toulouse-Lautrec, causou no meu conceito, decepção. O diretor, John Huston, vinha credenciado para apresentar coisa melhor, e o filme não faz jús à fama que o cercava. É monótono e frio. Essa algidez se torna mais flagrante no momento em que o pintor, que tentava o suicídio, encontrava o verdadeiro sentido de sua vida ao contemplar suas pinturas, e desiste de morrer. Aí é que a frustração de Huston salta aos olhos; a intensidade que êle dá ao episódio é inteiramente nula. Aliás o próprio Huston em declarações feitas à imprensa francesa, precisou que havia cuidado, antes de tudo, da fotografia colorida, em detrimento do cenário. E é o colorido, realmente, o que "Moulin Rouge" tem de melhor, de extraordinário mesmo. Nem José Ferrer, que nos tinha dado um desempenho de classe em "Cyrano de Bergerac", consegue se libertar da esquematização do Toulouse-Lautrec que lhe coube representar. Em muitos trechos, Ferrer não faz mais que reeditar seu Cyrano. De resto, o drama do pintor e do poeta-espadachim tem algo em comum; ambos geniais, ambos disformes. O que sobrava no nariz de um, faltava nas pernas do outro. A melhor seqüência da fita é a do "can-can", dançado pelos quadros de Lautrec. Mas já antes de Huston, Robert Hessens apresentou com muito mais inspiração algo semelhante. Foi num documentário de curta metragem intitulado "Toulouse-Lautrec", dedicado ao pintor da vida noturna parisiense, filme que evocava o Paris de 1900 através dos trabalhos do artista genial.

Com festas encerrou-se o 2.º Congresso...

(Continuação da pág. 9)

ficiar o produtor; nacionalização dos temas e, portanto, do conteúdo e da forma; solução do problema dos atores e figurantes; definição do filme brasileiro. Êstes foram em resumo os principais assuntos abordados, discutidos e aprovados. Mas nem tudo foram flôres. À par de sessões festivas haviam aquelas bem tristes em que os elogios contapunham-se aos insultos, às fraquezas reveladoras de íntimos mal formados. Apesar de vários dissabores, havia um único fito: dar ao Brasil um cinema brasileiro que refletia as verdadeiras aspirações do povo que tanto o tem prestigiado.

Nos últimos dias, com a criação de uma comissão de assuntos econômicos os trabalhos do Congresso andaram ràpidamente. Apenas a passeata deixou de ser monstro por terem a Vera Cruz, seguida pela Multifilmes, retirado o apoio à mesma. Touve, sim, uma massa humana. No Teatro Leopoldo Fróes (para onde transferiu-se o Congresso), através das ruas de São Paulo, até uma churrascaria onde festivamente se realizou o encerramento desta verdadeira batalha de lenço branco: o Segundo Congresso Nacional do Cinema Brasileiro.

BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS
FUNDADO 1926

O manto sagrado...

(Continuação da pág. 21)

vítima de um dardo. Rebelou-se Marcelo contra o ataque e ordenou a Paulo que retirasse as suas tropas. Alegando que Tibério morrera e que o seu inimigo Calígula era o novo Imperador, rebela-se Paulo. Trava-se, então, entre ambos, um renhido combate, vencendo Marcelo o centurião que foi, desta maneira, forçado a retirar as suas fôrças.

Após o sepultamento de Justo, recusou Marcelo o convite de Pedro, a fim de passar às hostes cristãs, contando que havia crucificado Jesus.

— "Êle já o perdoou, acrescentou Pedro. Não basta isto?"

Iluminou-se de alegria a expressão de Marcelo. As hostes de Pedro ganharam, naquele dia, mais um valente refôrço.

—o—

Com a morte de Tibério, redobraram os desejos de Calígula, a fim de conquistar Diana. Com o pretexto de apurar o paradeiro de Marcelo, chamou-a ao Palácio e levou-a à presença do grego Demétrio que já havia sido aprisionado. Embora sujeito aos mais terríveis suplícios, recusava-se Demétrio a revelar o paradeiro de Marcelo. Retirou-se Diana, atemorizada pela futura sorte de Marcelo e, com a ajuda de um cristão, Marcipor, foi ao encontro de Marcelo que regressara e se encontrava nas catacumbas de Roma.

Nos braços de Diana, Marcelo contou todo o milagre que o invadira. Esclareceu, também, que devia a Demétrio algo além da própria vida. Deveria libertá-lo e, a fim de que ela ficasse a salvo de quaisquer perigos, deveria regressar à sua morada atual, na casa do pai de Marcelo.

Após dramáticos instantes, conseguiu Marcelo salvar Demétrio. Entretanto seu estado de saúde era tão precário que não seria possível levá-lo às catacumbas. Arriscou-se, então, Marcelo a buscar a sua própria morada. Embora todos os cuidados, Demétrio faleceu. Porém, algo de sobrenatural ocorreu com a chegada, logo após, àquela casa, de Pedro, o pescador da Galiléia. Embora todos duvidassem dos seus poderes, ocorreu um milagre e a vida foi restituída ao corpo de Demétrio. O senador Gallio atribuiu à feitiçaria o que, tão estranhamente, acabara de acontecer, e renegou o filho. Demétrio é retirado por Marcelo da morada mas, ao seu encalço vão as fôrças do imperador. Após garantir a chegada de Demétrio às catacumbas, entregou-se Marcelo aos seus perseguidores.

No julgamento, confirmou Marcelo, perante tôda a côrte a sua fé na crença de Cristo. Após a sua rápida condenação, Diana ergueu-se e foi postar-se ao seu lado.

— "Senhor, disse com altivez. Marcelo é meu eleito. Morrerei com êle. Não desejo sobreviver a uma Roma corrompida por um imperador odiento e devasso! Um traiçoeiro e ameaçador monstro, com título imperial. Prefiro outro rei, para cujo reino seguirei ao lado de Marcelo".

— "Pelos Deuses! Será atendida", gritou, violentamente, Calígula. E os guardas acercaram-se também da jovem. Porém, Diana ainda teve tempo a fim de apanhar o manto e de o entregar a Marcipor, o fiel cristão que a ajuda a encontrar Marcelo que o faria chegar às mãos de Pedro, o grande pescador da Galiléia.

Lenta e resolutamente, Marcelo e Diana cruzaram o sombrio portal do palácio e seguiram plenos de fé, certos de que os seus espíritos passariam, juntos, para a outra e eterna vida. E, para o culto da história, passou tôda a pungente simbologia que se originou do manto sagrado.

F I M

A dança e a imagem...

(Continuação da pág. 25)

está no fato de, cada vez mais, os estúdios procurarem escolher histórias com bailados embora, muitas vêzes, em meio de acentuada fantasia.

Qual, então, o motivo que poderá explicar a ansiedade, não apenas do nosso público, ainda relativamente novo, no tocante a esta arte, como também em outros países, em contato com a dança?

Inegàvelmente, através das observações apuradas, nos últimos tempos cresceu muito o interêsse humano pela arte de Terspicore e, por quê?

Por um lado, são mais fluentes, nesta arte, as expressões de liberdade de figurações e idéias. A união de pensamentos reais com abstratos, a música, os cenários, as vestes, os temas, os movimentos formam, muito freqüentemente, uma e n c a n t a d o r a atmosfera de devanêio. Em várias circunstâncias a linguagem simbólica, que constitui uma das fôrças místicas do "ballet" está sugeita a variadas interpretações, ao sabor da própria alma. É o transporte a outras esferas, diferentes, singulares, românticas ou ilimitadas de concepção. Significa, enfim, a sutil tendência do espírito, na sua sempre incontida ânsia em busca do superior, do ilimitado.

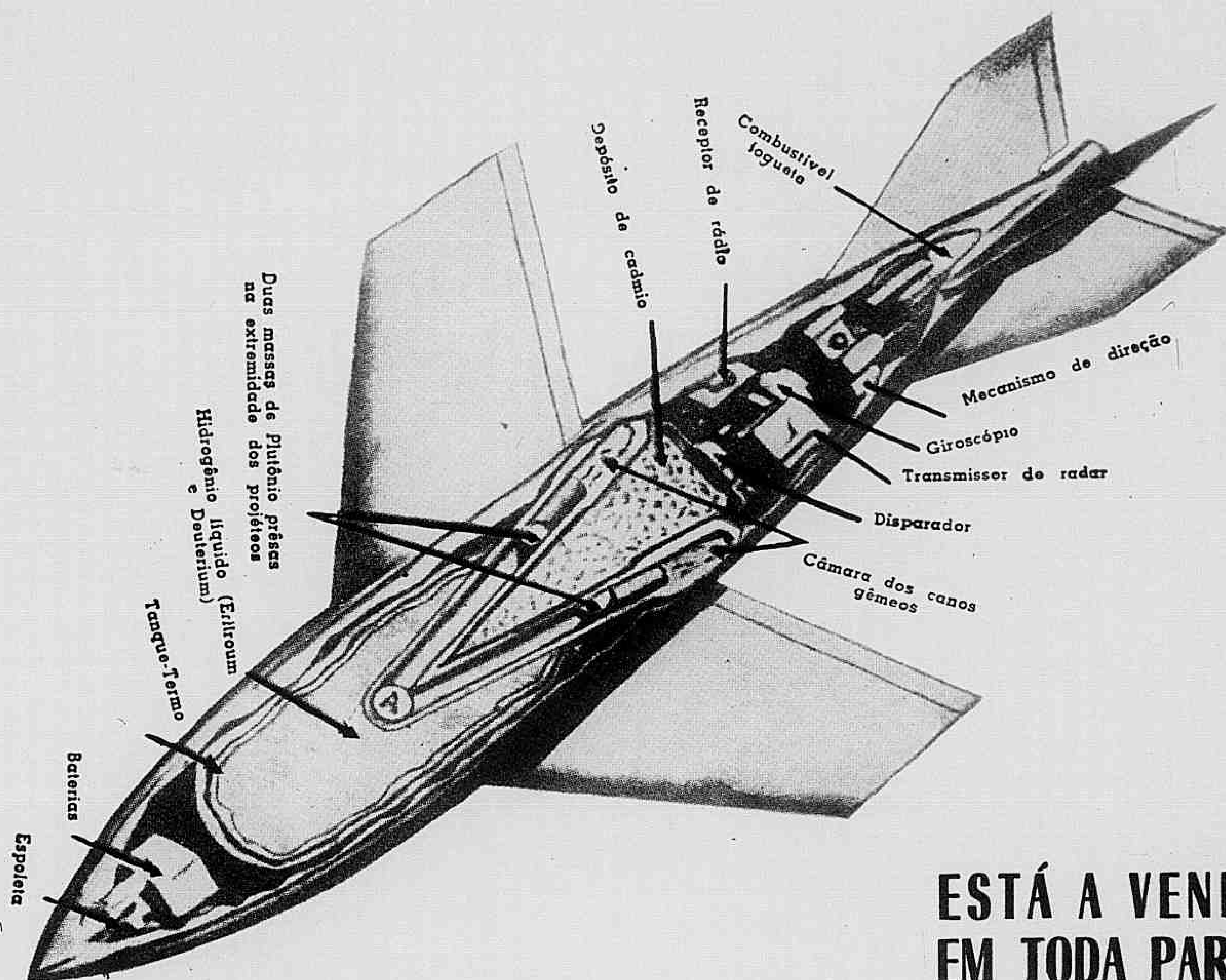
De todo o mundo...

(Continuação da pág. 27)

direitos do livro "Montmartre", de Casey Robinson. Ainda não se sabe qual o ator escolhido para interpretar o papel do pintor, mas as atrizes já contratadas são: Pier Angeli, Leslie Caron e Cyd Charisse.

★ As companhias que desejam filmar um 3D em Cinemascope devem entrar em entendimentos com a 20th Century Fox, proprietária do processo. Foi o que fêz a Metro, que está rodando em Cinemascope um filme sôbre Teodora de Bisâncio, intitulado "Empress of the dusk" (de um romance de John Wandercook), com Ava Gardner como protagonista. A Columbia produzirá "Friend Joey", uma comédia musical, que será seu primeiro filme realizado em tal processo.

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954



ESTÁ A VENDA EM TODA PARTE

- Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?
- Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.
- MAL DE HERANÇA, um belíssimo romance.
- ÊLE CRESCERÁ, uma encantadora comédia, para ser representada.

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.



ANN MILLER